

O OUTRO¹

Artur Lobo



[351]² Vou tentar recompor este monstruoso e singular episódio, que arrastou-me às fronteiras da demência, causando nas camadas mais profundas do meu ser uma dessas revoluções que ficam indelévels para todo o sempre.

Estou persuadido de que poderei atingir ao *maximum* de fidelidade na reconstrução deste período acidentado e único do meu passado, graças sobretudo à exatidão e à lucidez da minha memória que é como um eco presente e fiel fixando as impressões mais longínquas. Ainda agora, momentos há em que a ressurreição espontânea de imagens e sensações passadas é tão intensa e flagrante e em que a acuidade da representação mental é tão nítida e a fantasmagoria interior tão cruel, que eu perco a consciência do momento presente, e diante desta espécie de ilusão retrospectiva de ótica moral, empalideço, como quando me achei outrora sob as impressões inenarráveis dos trágicos acidentes a que me vou referir.

¹ LOBO, Artur. O outro. In:_. *Seleta* (Prosa e Verso) / Artur Lobo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2012. p 351-435. [1901]

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Esta acuidade da memória seria, aliás, inútil, se não lhe correspondesse uma certa lucidez da consciência durante toda a fase de obnubilação de meu ser, se porventura ela não sofre as mesmas modificações do eu, quando este é sujeito a perturbações sensoriais.

Estes dois testemunhos são como dois olhos interiores que elucidaram todas as trevas que se haviam condensado no mundo subjetivo, despenhando-me numa das formas mais cruéis e mais raras, única talvez, dessas desclassificadas psiquiatrias que a ciência hoje investiga e estuda.

Irei despenhar-me ainda na loucura?

I

[352] A primeira noite que passamos na antiga casa paterna, desabitada e melancólica, deixou-me uma recordação indelével e terrível.

Laura não podia dissimular os receios e a tristeza que lhe infundia a enorme vivenda com os seus salões desertos, seus tetos escuros, suas espessas muralhas e o aspecto soturno e monástico das antigas construções coloniais. Desde que se penetrava o vestíbulo, sentia-se uma atmosfera glacial de claustro e um bafio religioso de templo, que persistia ali mesmo depois dos últimos reparos. Um lampião, pendente do teto, derramava uma claridade mortíça que se extinguia nos corredores povoados de sombras; e neste como em muitos outros pormenores acentuava-se a fisionomia, por assim dizer, eclesiástica do casarão solitário. As paredes eram geralmente caiadas de branco, com uma barra de tinta escura que se prolongava por todos os aposentos.

Transposto o vestíbulo, penetrava-se num labirinto de divisões interiores, tão complicadas que não davam uma ideia exata do conjunto da edificação em cujo interior até mesmo durante o dia reinava um perpétuo crepúsculo, apesar das inumeráveis entradas e saídas praticadas nas paredes. Algumas das janelas exteriores eram defendidas por grades, e as portas por ferrolhos possantes, gemendo pesadamente nos gonzos. O recinto da quinta era considerável, e a edificação havia sido isolada do bulício das ruas, à sombra de árvores copadas e espessas que ao fundo dela vegetavam tristemente.

À noite, a casa enchia-se de mistério e povoava-se de fantasmas; parecia segregada do resto do mundo. E como os longos muros a isolassem dos quarteirões vizinhos, uma imensa solidão se fez em torno de nós, e nenhum rumor, a não ser o dos nossos passos e das nossas vozes, perturbava o seu silêncio.

[353] Nós nos sentíamos importunos, naquela casa, como se a nossa presença despertasse ali todas as existências passadas, todos os complicados dramas que ali se desenrolaram outrora e como se os fantasmas de todos os seres e das coisas mortas estivessem nos contemplando no meio das penumbras e nos ângulos das salas. E apesar da nossa recente instalação persistia nela o perfume da saudade — não sei que alma invisível que andasse chorando e gemendo pelos que se foram para além da morte.

E dizer-se que eu amara aquela casa; que eu vivera ali os mais folgados dias de minha infância; que eu ali nascera e recebera o primeiro beijo paterno; que ali deixara alguns farrapos de minha própria existência!

Como o prédio era demasiadamente grande, nós resolvemos ocupar apenas uma pequena parte. Eu havia escolhido para Laura um pequenino quarto, junto ao salão e à biblioteca cujas janelas engrinaldavam os festões de uma graciosa árvore trepadeira.

A alcova estava definitivamente arranjada, tendo-se conservado as janelas abertas durante o dia para se fazer a renovação do ar. Diante das janelas estendia-se uma parte da cidade pontuada de luzes no meio da escuridão; e aquelas luzes se multiplicavam, acompanhando a disposição irregular dos quarteirões que se adivinhavam através da noite; de vez em quando um vento úmido sacudia as frondes junto às janelas, e as luzes palpitavam nas arandelas.

Laura esteve alguns instantes comigo debruçada na janela contemplando aquela montanha de trevas, que vista de longe parecia uma caverna colossal em que brilhavam miríades de luzes. Depois, ela tirou a capa que a envolvia da cabeça aos pés, e durante alguns instantes, a graciosa figura refletida no espelho, esteve reparando o penteado, e despreendeu a sua cabeleira espessa e negra que eu costumava chamar nos meus antigos momentos de ternura “o toucado da noite”.

[354] Trajava com garridice um desses vestidos em que o artifício feminino sabe multiplicar a sedução e o atrativo dos pequenos nada da moda; naquela noite exatamente a sua sedução estava na simplicidade do traje que punha em relevo a graça florentina e, direi, quase alada, de seu corpo.

Não sei se devido ao efeito e disposição da luz, ela pareceu-me sobremodo pálida, e mesmo sob aquele aspecto, era profundamente graciosa, embora parecesse frágil e delicada como uma criança.

Pobre Laura! Como eu devia lastimá-la mais tarde! Ela aplaudiu o arranjo da alcova e o gosto que o presidia; examinou o papel da parede, o desenho do tapete, a resistência dos móveis; isto desfez-lhe em parte a má impressão da casa que achava melancólica e que assim à noite causava-lhe pavor.

Ao menor ruído estremecia, interrogava-me. O silêncio era cada vez mais profundo em torno de nós.

Terrível nos acompanhava, vagamente inquieto; quando eu fazia-lhe uma carícia, lambia-me as mãos (dir-se-ia que as beijava) agitando a sua cauda negra e felpuda.

— Ouves? — perguntou Laura, de súbito, estremecendo.

Eu escutei durante alguns segundos.

— Agora! Ouviste? — Perguntou ela apertando-me o braço, aterrada.

Laura era profundamente medrosa, desde o começo de sua moléstia.

— Dir-se-ia o rumor de um passo arrastado. Ouviste?

— Sim; deve ser o rumor do vento no corredor. Vou fechar as janelas; espera-me um instante.

— Não, não — disse ela —, eu irei contigo...

— Então percorreremos toda a casa.

— Não, Sérgio; amanhã. Amanhã iremos vê-la... Hoje sinto-me fatigada.

[355] Eu ria-me. Sabia que ela não era supersticiosa, nem acreditava em crendices.

— De que tens medo? — perguntei.

— Não sei dizer-te; são os meus nervos que me torturam, talvez; não sei por que motivo tenho medo; mas juro-te que ser-me-ia impossível ficar só.

Ri-me de novo, mas desta vez com uma intenção proposital de ironia, porque aquele receio infantil provocava-me o desejo mau de aumentar-lhe o terror que já era visível nos seus olhos.

— Não me faças mal — suplicou ela —, tu sabes que estou doente!

Penetramos no corredor, e, como eu previa, uma janela ficara aberta em frente à casa de jantar.

Ali os móveis estavam na mesma disposição antiga: a mesa ficava ao centro; ao fundo os armários envidraçados da antiga copa tomavam toda a extensão da parede.

Em vão tentava dissimular a minha própria melancolia. Invadira-me um inexplicável mal-estar; não era um sentimento bem definido de tristeza; era antes um pressentimento obscuro...

E eram as coisas circunstantes que atuavam no nosso espírito; era aquela atmosfera, por assim dizer espiritual, que me comovia e perturbava pela sugestão tácita de mil pensamentos que eu não tentarei explicar.

Era tarde; entretanto, eu não tinha sono. Queria fazer Laura percorrer toda a casa para dissipar no seu espírito aquele ar de mistério.

— Não, não, Sérgio! Amanhã verás comigo! Hoje sinto-me tão cansada!

Examinando curiosamente o aposento, como para justificar-se, acrescentou:

— Por que não me trouxeste durante o dia? Assim, à noite, esta casa tem um aspecto tão triste, tão solitário e tão inóspito!

[356] Eu disse lentamente:

— Pois bem; amanhã...

— Sim, amanhã — repetiu ela como um eco.

Só por um esforço supremo, Laura tinha deixado de chorar. As suas pálpebras represavam duas lágrimas túmidas, e na alteração de sua voz se denunciava a tristeza que ela em vão havia tentado dissimular aos meus olhos, por um escrúpulo delicado. Doía-lhe ainda a separação recente dos que lhe eram caros, e a disposição severa daquela casa devia forçosamente tornar triste e dolorosa aquela primeira noite. Mesmo os seus inocentes terrores eram perfeitamente justificáveis naquele sítio lúgubre e desconhecido, deformado pela tinta fantástica da noite e exagerado pela excitação dos seus nervos. Ela não ousara queixar-se, naturalmente para não contrariar os meus desejos nem alterar os meus projetos. Submetia-se assim docemente à minha vontade, com uma resignação afetuosa.

— Amanhã, sim, amanhã... Tu perdoas-me, não é exato?

Enternecido, abracei-a pela cintura.

— Perdoar-te, por quê? — perguntei, compreendendo toda a extensão do seu pensamento. — Tu não podes olhar para esta casa com a mesma simpatia que ela me inspira. Acho natural que te pareça até hostil e maléfica. Tu te sentes estranha diante destas paredes que me são familiares. Esta solidão que te amedronta está povoada de habitantes invisíveis, de coisas abstratas que têm para mim uma forma quase tangível. Ela é um mundo de recordações para mim; para teus olhos ela será uma coisa análoga a uma velha necrópole, a um cemitério abandonado.

— Não —disse ela, sacudindo a cabeça —, dentro em pouco acomodarme-ei aqui muito bem; todas estas coisas de que falas me serão caras, eu aprenderei a querê-las e amá-las. E à luz do sol tudo isto será alegre, mas de uma alegria plácida que se identifica à minha natureza. Também eu compreendo o que deve se passar em ti...

[357] — Não é verdade? — atalhei eu. — Aqui viveram os que me foram mais caros, aqui morreram os que me estavam mais ligados pelo sangue...

E calei-me, mergulhado nas minhas recordações.

A noite ia avançando; longe ouvia-se o rumor das águas; o vento farfalhava nas árvores; e o silêncio recaía depois mais profundo. Eu tinha o cérebro povoado de visões.

Laura, que havia se sentado, levantou-se.

— Vamos! — disse eu, tomando a luz de sobre a mesa.

E caminhamos, como dois espectros...

Íamos atravessar o salão, quando *Terrível* de súbito começou a ladrar à porta numa atitude singular. Inquieto, como quem pressentia a aproximação dum perigo, farejava no sobrado *uma pegada invisível*.

Laura apertou o meu braço, procurando um refúgio junto de mim.

— Vai-te! — exclamei, repelindo da porta o animal que se obstinava a fariscar o rasto imaginário.

O cão, muito dócil de ordinário, pôs-se a rosnar ameaçadoramente. Seus pelos arrepiavam-se, e latiu com maior violência. E a sua voz espavorida repercutiu na casa em ecos estridentes...

Laura teve um novo sobressalto e balbuciou:

— Sérgio, tenho medo!...

Eu quis escarnecer do seu terror, mas intimamente reconhecia-me sobremaneira inquieto.

Laura tremia. Eu sentia perfeitamente o tremor do seu braço. Beijei-a na face, estreitando-a para mim, como para significar-lhe o amparo da minha força. Todavia a sua palidez assustava-me cada vez mais. Confesso que, quer fosse por um desequilíbrio de meus nervos, quer por causa das

impressões produzidas pela nova habitação, eu me achava numa disposição da alma semelhante à expectativa de uma coisa quase prevista e ao receio de um acontecimento que eu [358] não saberia precisar nem mesmo conceber de uma forma definitiva, mas que deveria se realizar fora da ordem natural das coisas. E este pressentimento disforme, mas positivo, aumentava, a despeito do testemunho da minha razão. Invadiu-me o receio de uma aparição sobrenatural. Tinha quase certeza da presença de *alguém* naquele salão, e esta visão desenhou-se no meu espírito com tal clareza, que apoderou-se de mim a convicção a mais formal de que ao abrir a porta eu deveria necessariamente encontrar no recinto da sala um ser estranho, maléfico talvez, fruto de um sortilégio diabólico. Por isto a conduta do cão intrigava-me, comprovando e exagerando as minhas apreensões. Na meia obscuridade em que nos achávamos, o medo circulava, difundia-se por todos nós numa corrente invisível. O seu contágio poderá explicar aquele singular fenômeno?

Cumprе notar que eu nunca tinha sido sujeito a alucinação de espécie alguma até àquela data.

Durante alguns instantes parei diante da porta, vacilando, e ouvi as surdas pancadas do pêndulo que ficava num dos ângulos do salão. O som propagava-se pela parede, mas de tal maneira desfigurado que eu apenas o reconheci pela regularidade do seu ritmo.

Devia provavelmente ser aquele o rumor que alarmara o cão, e com efeito este tinha as orelhas fitas e percebia-se que toda a sua atenção se concentrara nos ouvidos. Reconheci a puerilidade de meus receios, sem, contudo poder dominá-los, porque, apesar de tudo, estava singularmente alarmado.

Para disfarçar a minha perturbação e para animar a Laura, perguntei-lhe, gracejando:

— Acreditas em duendes?

— Não sei explicar-te, Sérgio. Não, não tenho medo aos duendes, mas tenho medo!

E relanceava os olhos em torno de nós.

[359] Afastei o cão, e levantei a aldraba da porta que se abriu de par em par. À brusca deslocação do ar, a chama da vela quase apagou-se, mas tornou a levantar-se com firmeza. O enorme salão abria-se diante de nós taciturno e mergulhado no silêncio e nas trevas. Na zona iluminada viam-se os quadros das paredes, dois consolos antigos e os frisos dourados do teto. Os nossos passos morriam abafados no tapete.

Aquela solidão surpreendeu-me, porque eu estava certo de que alguma coisa anormal ali ia passar-se.

De repente Laura abafou um grito, e teve um desfalecimento de terror. Amparei-a nos meus braços, desorientado por aquele incidente e sentindo-me contaminado pelo seu terror.

Ela estava desfigurada. Seus olhos cresceram, e o olhar fito parecia desvairado.

O silêncio, entretanto, era cortado apenas pelo rumor do pêndulo, que ressoava mais alto pelas disposições acústicas da própria caixa e do aposento. Cuidei que não me havia enganado, quando atribuí o receio de *Terrível* àquele rumor que ele não conhecia e ao qual parecia prestar atenção, com um ar hostil, suspeito e inquieto.

O grito de Laura fez frio no salão. Dir-se-ia que pela porta aberta atrás de nós entrava uma corrente de ar gelado, porém, a luz nem sequer

palpitava e à medida que o seu clarão se derramava, parecia que as paredes iam recuando na obscuridade, como se o aposento se tornasse cada vez mais vasto. Por uma ilusão momentânea afigurou-se-me mesmo que ele se dividia em dois planos, sendo o plano mais alto aquele em que nos achávamos.

Estas observações eu fazia rapidamente, sumariamente, quando o grito de Laura, repercutindo na sala, fulminou-me como o estampido de um tiro.

— Que tens? — perguntei, acompanhando instintivamente a direção do seu olhar.

[360] A princípio, nada vi de extraordinário, notando apenas que a sala imersa quase toda na escuridão devia infundir um certo pavor a uma imaginação impressionável como a de Laura que via o desconhecido e o misterioso projetando-se no fundo como uma nave de catedral.

— A cabeça! — murmurou Laura num fio de voz moribunda.

E apontava para um retrato antigo cuja cabeça surgia da penumbra, macilenta e como que decepada. Fosse pela sugestão do medo, fosse por uma alucinação, eu senti-me pregado no soalho. O retrato nada tinha de notável: era uma tela antiga, de um pintor anônimo, representando um parente desconhecido, *mas ao qual eu sabia estar ligada uma lenda de crueldades e de desvarios de toda a sorte.*

Fitei-o com atenção, surpreendido pela ansiedade de Laura.

Mas o meu olhar não tinha se fixado dois segundos no quadro, quando eu o vi iluminar-se tal qual a fachada de uma casa tenebrosa à projeção da luz de uma lanterna e a cabeça imóvel e morta, pareceu *estremecer, vacilar e desprender-se da tela*, como uma coisa meio-viva. Os olhos iluminaram-se, moveram-se, viveram; os seus cílios abriram-se, como os de uma pessoa que

desperta. Subitamente os traços da fisionomia empalideceram, apagaram-se, e eu vi desenhar-se na escuridão o contorno de uma coisa indefinível que não tinha uma forma propriamente humana, e que se me representa ao espírito como uma coluna de vapor fosforescente, e como a sombra de um corpo passando por diante de um espelho, ela exalou-se da parede, desceu e deslizou a um pé de altura do soalho, impelida por uma força misteriosa.

Enquanto estive na zona escura da sala eu via o seu contorno quase definido, acompanhava os seus movimentos. Ao penetrar na zona iluminada como que evaporou-se à luz, mas eu sabia que ela se aproximava, que se dirigia para mim. Senti-a mesmo penetrar nessa espécie de atmosfera intermediária e protetora que dir-se-ia limitar as fronteiras dos nossos nervos ao redor do corpo. A chama da vela [361] que eu conservava na mão palpitou como tocada pela passagem de um sopro imperceptível; e, ao mesmo tempo, gelado de horror, como se meu corpo fosse permeável a um agente estranho, *senti penetrar-me glacialmente por todos os poros* uma coisa fria, repulsiva, mas viva e animada, glutinosa e dúctil, fluídica, imponderável! Todos os meus tecidos até a medula dos ossos foram impregnados daquela substância leve, tênue e invisível como um gás; um choque elétrico poderia talvez dar uma ideia daquela sensação aguda e magnética que não tinha uma sede nem física nem espiritual, mas como que num elemento neutro e obscuro do meu ser. Todavia, a sensação física do frio se comunicava a toda a extensão da pele até a raiz dos cabelos.

Senti-me possesso! Recordo-me de que devido à perturbação visual; os objetos que se achavam em derredor de mim afastaram-se a uma distância infinita e num momento agitaram-se como na mutação de um cenário no teatro.

Eu próprio estava muito longe de mim mesmo; as distâncias eram incomensuráveis, isto é, eu perdi a noção da distância. Interiormente sofria uma revolução profunda. O coração saltava-me no peito. Olhei em roda de mim com terror e espanto. *O mundo me escapava!*

O que é verdadeiramente singular é que Laura, tendo verificado o seu equívoco, estava quase tranquila; ela não vira, pois, o que eu acabava de ver!

Ela estava mesmo surpreendida pela desordem da minha fisionomia. Tomei-a nos meus braços como quem carrega uma criança, e precipitei-me com ela para fora daquele lugar de horror, como que arrebatado num furacão de loucura.

Atrás de meus passos precipitados um uivo estrugiu, lancinante e formidável, na solidão da noite; e em todos os recantos do casarão desolado outros ecos estridentes repetiram aquele grito de pavor e de espanto.

[362] Foi então que *aquilo* começou.

Nós havíamos definitivamente nos fixado na província e eu regressara, após muitos anos de ausência, à vetusta e severa vivenda de aspecto senhorial em que os meus antepassados mais próximos haviam sucessivamente se extinguido.

Teria sido impossível encontrar sítio mais propício ao recolhimento e ao repouso que eu procurava lograr, forrando-me às agitações da vida pública, esquecido do passado político em que se ilustrara o nome de minha família, durante o Império.

Demais a saúde de Laura começava a inquietar-me, e aplaudi sem reservas o conselho médico que lhe prescrevera a vizinhança das montanhas. Interiormente reconheci que a minha satisfação era antes de tudo um sentimento egoísta, porque após o meu desastre político aquele

conselho correspondia aos meus próprios desejos — tão fatigado e apreensivo me achava que deixei-me seduzir pelos atrativos dos tranquilos lazeres e plácidos serões de minha província. Laura, por sua vez, resignou-se e submeteu-se à nova situação com aquela docilidade, com que a passividade de seu caráter se subordinava às minhas palavras, aos meus propósitos e mesmo aos meus caprichos; e, se bem que jamais lhe tivesse ouvido uma só queixa ou exprobração neste particular, a nossa mudança deveria tê-la feito sofrer duplamente, quer pela separação de todos os que lhe eram caros e entre os quais ela havia vivido até então, quer sobretudo pela profunda transformação de nossa existência comum.

Na pequena capital da província a minha vida mudou subitamente de aspecto, como se eu retrocedesse de um salto a uma outra época, a um século passado, numa era indeterminada e num país conhecido numa existência imaginária. Eu iludia-me, atribuindo esta singular impressão ao aspecto monástico da antiga cidade, ao estilo barroco da construção antiga, à sobrevivência de certos costumes arcaicos, à ressurreição histórica dos arquivos, aos seus templos suntuosos, aos [363] nichos que se viam junto aos balcões das janelas, ao panorama severo das montanhas e sobretudo a um remanescente perfume, a esse bafio secular que emana das coisas passadas.

O meu isolamento tornou-se maior, tal a necessidade que eu sentia de interrogar-me, de analisar-me e de compreender-me; porque já as primeiras suspeitas tocavam a rebato, e atormentava-me a preocupação de fazer rigorosos exames de consciência e de lançar um calmo olhar introspectivo para a minha agitação interior.

Apesar dos meus triunfos de tribuno, os meus insucessos na vida pública não me haviam levado à convicção de uma patogênese da vontade — a faculdade matriz do caráter de um homem político?

Na monotonia e na paz da nova fase de nossa existência, sucedânea de uma superatividade que absorvia-me todos os instantes e que me privava do lado verdadeiramente suave que a vida conjugal podia oferecer-me, eu supusera que deveria encontrar o segredo de um sedativo para as minhas perplexidades, a par do egoísmo e do isolamento de um lar venturoso.

A minha primeira decepção não tardou, e a solidão que me cercava favoreceu o exame refletido e calmo dos singulares fenômenos que a minha consciência testemunhava.

A nossa situação, a radical transformação da existência, as circunstâncias ambientes poderão por si só explicar a desfiguração do meu ser e a estranheza de minha conduta para com Laura?

Ou já haveria também uma razão latente daquela metamorfose absurda, daquele renascimento anormal de um outro ser que obrigou-me a proceder de uma maneira tão diferente para com a nobre e formosa criatura, cuja má estrela havia indissolúvelmente ligado, para sempre, o seu destino ao meu?

Esta dúvida, bem como muitas outras, subsiste até hoje no meu espírito, e é ainda um dos pontos obscuros que em vão tentei elucidar no pavoroso enigma de minha vida.

[364] O que é certo que, decorridos alguns anos após o meu casamento, eu havia me entregado algumas vezes aos mais elevados transportes, mas não conhecia aquela maneira de amar, pela contemplação, pelo sonho

doentio, pela idealização exagerada, alternando com a sensualidade a mais grosseira.

Por aquela época havia também para a natureza um renascimento e uma ressurreição, porém salubres e suaves: a nova estação chegava, desatando os rebentos e desabrochando as primeiras flores; o céu era de uma pureza imprevista, e por todo o ambiente se esparziam miríades e miríades de seres imperceptíveis que se precipitavam por uma força misteriosa na corrente constante da vida. Da terra para o alto subiam e desciam os mesmos hálitos da primavera, a mesma fulguração da atmosfera, a mesma palpitação de aromas, o mesmo frêmito de sons, e o azul — um azul mais puro que a própria ideia do azul — floria no alto como a flor simbólica de um culto panteísta.

As chuvas haviam lavado a atmosfera que cintilava com um cristal varado de raios luminosos; a temperatura tornava-se igual, sem acusar oscilações violentas; e a velha cidade colonial, lutando com a topografia ingrata, despertava do seu marasmo secular, pompeando os seus campanários povoados de andorinhas e as massas formidáveis de suas montanhas douradas de crepúsculos.

Desde criança eu contemplava com olhos de carinho e ternura aquelas perspectivas familiares, que tinham às vezes para mim o sabor das coisas inéditas, como se eu nunca as houvesse visto.

Este fenômeno, como muitos outros que passaram despercebidos e que constituiriam preciosos subsídios para esta documentação que me impus, só mais tarde avultou de interesse a meus olhos, bem desprevenidos ainda para enxergar nestes pequenos fatos os pródromos de uma profunda revolução na minha maneira de ser. Todavia, a disposição em que me achava

estava bem longe da alegria; uma [365] desconfiança obscura aumentava os meus sobressaltos, porque instintivamente eu percebia, sem poder ter um conhecimento exato e positivo, os atos por assim dizer subterrâneos de minha consciência, dos quais decorria uma profunda alteração de meu caráter, afetando a essência de minha personalidade. Era como um trabalho de sapa, uma surda elaboração que se fazia lentamente nas sombras e nas trevas, interessando a essas camadas inferiores e subjacentes da consciência.

Nenhum sintoma grave me alarmava, posto que me dominassem essa melancolia indefinida, essa inefável perturbação que quase sempre anunciam aos doentes a aproximação de uma moléstia grave.

Eu tinha uma viva repugnância pelo movimento e sobretudo pela ação, sentindo ao mesmo tempo uma necessidade absoluta de repouso e de isolamento, posto que nenhuma alta cogitação nem mesmo negócios do meu patrimônio despertassem a minha atividade.

A casa em que passamos a habitar favorecia estes alheamentos profundos, claustrada no mais completo silêncio; apenas algumas velhas árvores gemiam às virações noturnas, e a melopeia das fontes embalava-me o pensamento numa indolente e plácida voluptuosidade.

Defendida pelos muros, raramente os pequenos rumores do bairro atingiam o interior da casa. Propositalmente eu restringira de tal sorte o círculo de minhas relações, que, à exceção de alguns parentes, a vivenda se tornara inacessível às visitas de estranhos e dos amigos os mais indulgentes.

Laura se acomodava facilmente a este isolamento desde que estivesse junto de mim, e quando eu me encerrava durante muito tempo no meu gabinete, ela vinha interromper-me, tagarelando e distraíndo-me, até que

se despedisse, quando se sentia importuna. Eu sabia que aquele casarão deserto a amedrontava. Ela não havia, como eu, passado ali sua infância para sentir-se familiar naqueles amplos [366] aposentos que recompunham para mim uma série de histórias e de recordações antigas.

Para mim como que havia sorrisos de piedade e bênçãos pelas paredes, e até os velhos móveis, de um feitio desusado, duros e incômodos, estendiam-me os braços das poltronas, abriam as cortinas dos leitos, ofereciam-me os assentos dos mochos.

Como que em cada canto eu encontrava um perfume esquecido, e ressurgia qualquer farrapo de minha alma infantil; às vezes cuidava-me criança, julgava-me pequenino e inerme, e esquecia tudo o que se sucedera a esta primeira quadra da vida. À minha ilusão era tal que persuadia-me de que acabava de ouvir uma palavra familiar, a palavra de uma voz conhecida, da voz materna. E evocava essa figura de mãe, não decrépita e fulminada pela paralisia, como a vi mais tarde, porém moça ainda, o cabelo dividido em dois bandos puríssimos, tal como a representava um daguerreótipo do tempo em que era jovem ainda.

Outras vezes cuidava ver passar pela sala a figura nobre e austera de um velho de maneiras secas, mas fidalgas, coroado de cabelos brancos, o peito coberto de condecorações, o porte marcial, uma maneira soberana de olhar e uma voz varonil, que se adivinhava afeita ao comando. E todos esses espectros do meu lar, todas as sombras da infância povoavam aquela casa a que eu voltava para recuperar a paz e a saúde e que me recebia com uma demonstração de ternura quase humana!

Estas ressurreições do passado, estas sugestões ambientes que evocavam os espectros das coisas mortas e que lhe sobreviviam como o

perfume encerrado numa caixa em que uma flor se desfez, causavam-me uma viva surpresa e buliam com um departamento de meus nervos que despertava como a corda esquecida de um instrumento antigo que de novo se pusesse a vibrar e a chorar.

[367] A estas sugestões toda uma existência recomeçava, *toda uma série de impressões passadas se reatava* nas falhas que lentamente se foram abrindo nas recordações longínquas. E assim, por instantes, eu readquiria uma nova maneira de ser que se denunciava sobretudo pela frescura virginal da minha sensibilidade embotada.

Restabelecida esta maneira de ser, primitiva e fundamental, acentuava-se o contraste do meu estado presente, como se fossem os dois hemisférios distantes e opostos de um mesmo espírito. Aquela visita retrospectiva, o contato com o meu passado, a convivência com as coisas esquecidas e defuntas, revivendo toda uma quadra de minha vida, é que punham em relevo a divergência de minha personalidade, como as escavações assinalam as camadas sucessivas em que um mesmo terreno se estratificou.

Era como se uma segunda existência confluísse para o curso regular de minha vida; e era com enternecida simpatia que eu constatava a reminiscência do que de bom, de cândido e de puro me ficara da primeira idade. Revia a minha infância que eu figurava numa criança perpetuamente perseguindo a asa do sonho de uma borboleta.

Muitas vezes um perfume que me era familiar outrora provocava-me um mundo de recordações e eu perdia a noção do tempo, como se se houvesse subitamente feito um clarão na minha memória.

Recordo-me ainda de que um dia aconteceu-me despertar de uma longa abstração, de um alheamento profundo, sem a noção de minha

existência presente, desconhecendo-me e formulando mentalmente esta pergunta que traduzia uma surpresa inquietante:

– Quem és tu?

Durante alguns momentos fiquei fulminado de estupor. Eu acabava de sair de um estado de alma tão singular que tudo subitamente havia mudado de aspecto: a transição de um estado para outro foi tão violenta que figurou-se-me um desmoronamento interior, uma dessas catástrofes que nos gelam de medo.

[368] Era como se eu houvesse despertado de um sonho intenso e cheio de emoções perigosas, no estado de vigília. A princípio eu fiquei atônito; não compreendi a rapidez e facilidade daquela transição; achava-me incompreensível e absurdo; duvidava da realidade. Os objetos nitidamente percebidos havia um minuto (nitidamente como na vida real) dissipavam-se como vapores.

A vida ordinária me escapava.

– Quem és tu? – perguntei. E a minha voz teve uma repercussão medonha; *não era minha própria voz*, mas um eco de minha voz; dir-se-ia o espectro de minha voz.

Acometeu-me um terror inconfessável, mas avassalador, que me dominava todo o ser; atravessou-me um pensamento que eu repelia com toda a energia de minha alma; um desses pensamentos que eu teria receio de formular em voz baixa, ao ouvido de um amigo... Sim, sim! *Eu tinha medo da loucura!* E foi apalpando o meu corpo, segurando a cabeça, temendo que ela me escapasse, varado de uma comoção terrível, pálido e trêmulo, que ouvi aquela pergunta multiplicando-se e repercutindo como um eco infernal em todos os recantos de meu cérebro:

– Quem és tu?

II

As alterações de meu caráter deviam necessariamente se refletir na desordem de minha conduta, se bem que esta tivesse uma regularidade aparente, tão lentas eram as transformações que eu experimentava.

Tornei-me taciturno, de um humor desigual, amando a solidão e o silêncio, e sentindo despontar em mim as hesitações, as dúvidas e as surpresas desse espírito de análise que tem uma ação tão deletéria [369] sobre os atos da vontade. Contudo, a minha consciência não tinha uma lucidez constante, e muitas vezes parecia adormecida e inerte como um órgão atacado de súbita paralisia. Instantaneamente adquiria uma acuidade por vezes dolorosa, como a luz viva e intermitente de um farol, resplandecendo e apagando nas trevas de um mar agitado.

Nos períodos de obnubilação, como que dentro de mim mesmo se fazia uma solidão imensa, um aniquilamento semelhante ao da morte. Cheio de inquietação pelas ciladas que pressentia armadas insidiosamente nas trevas, acompanhava-me o pavor de um homem que caminha à noite à beira de um precipício...

Eu tinha a intuição de um acontecimento *necessário*, cujas perigosas consequências antevia, tomado de um medo covarde.

Laura lançava-me às vezes olhares atônitos. As minhas maneiras, uma palavra que às vezes escapava ao meu solilóquio mental, provocaram as suas suspeitas. Ela tornara-se muito atenta aos meus atos, e aquela vigilância era-me insuportavelmente odiosa. Procurei explicar a minha melancolia

pelo desastre de minha carreira política, que com efeito havia acarretado consequências lastimáveis, e não mentia quando, desiludido e magoado, manifestava o meu desdém por todas as sórdidas maquinações que causaram a minha ruína.

Por um instinto surpreendente, posto que Laura não soubesse adivinhar a extensão de meu mal, rodeava-me de mil cuidados afetuosos, que obrigavam-me a multiplicar os esforços para dissimular-lhe os meus sofrimentos.

Uma tarde ela atraiu-me para uma janela que se abria sobre uma cepa vetusta, ternamente engrinaldada de pâmpanos virentes.

Recordo-me precisamente daquela tarde, direi antes do espectro daquela tarde, tal a diafaneidade com que a vejo ressurgir do meu sonho interior. E a impressão que deixou-me é a de um crepúsculo que se exalava como uma alma humana numa incógnita latitude em que o [370] sol houvesse perdido o seu esplendor e rolasse, como um globo inerte, para um ocaso docemente amortalhado de terníssimas vaporações. Dir-se-ia que o poente bebera todas as tintas dos céus, e apenas uma claridade espectral parecia condensar na atmosfera a tinta, o perfume e a alma de todas as açucenas finadas.

Laura forçou-me a sentar ao pé dela, e para distrair-me das preocupações que me assaltavam e vencer o meu silêncio começou a ler um livro que trouxera consigo e que escolhera propositalmente para este fim.

Eu fingia ouvi-la, embora toda a minha atenção estivesse voltada para coisas bem diversas. A sua voz produzia-me o efeito de um monótono murmúrio d'água caindo ininterruptamente de uma goteira; produzia-me um certo repouso físico que não excluía, porém, a agitação do meu

pensamento nem me furtava ao sortilégio de minhas cismas. Não eram ainda frequentes em mim aquelas fugas, aquelas ausências e súbitos isolamentos do mundo exterior. Recordo-me, porém, de que, encarando o horizonte fronteiro, eu nem sempre tinha consciência de vê-lo, como se meu olhar se voltasse para dentro, tão pouco as impressões exteriores modificavam o meu estado de alma — antes as coisas reais é que se conformavam e conjuravam com a minha própria disposição, de tal sorte que, tivesse eu os olhos fechados, e os fantasmas que povoavam o meu cérebro não seriam nem menos nítidos nem mais verdadeiros.

A presença de Laura também não era irreconciliável com a solidão que se fazia em torno de mim e com o isolamento em que me achava. Era como se eu estivesse inteiramente só, e contivesse em mim mesmo um mundo à parte, ermo, inacessível e inóspito. Assim é que a sua voz ia se distanciando e perdendo-se ao longe para ressurgir dentro de mim como se eu ouvisse o eco de uma impressão própria.

A minha alheação era tão completa e manifesta, que Laura apercebeu-se disto. Ela havia interrompido a leitura sem que eu me [371] apercebesse e tocou-me com a mão no braço para chamar-me sensualmente à vida.

— Que tens? — perguntou.

Tive um sobressalto, encarando-a com surpresa; subitamente senti-me hostil, irritado pela irrupção de um personagem estranho no mundo das fantasmagorias que me deliciavam, apesar da tortura que o látego do pensamento às mais das vezes me infligia.

Laura olhava-me no fundo dos olhos, e no seu rosto desenhava-se uma inquietação profunda.

Houve um pequeno silêncio durante o qual notei-lhe no rosto a ansiedade de penetrar no fundo do meu pensamento e soletrar nos refolhos de minha alma qualquer coisa obscura e tenebrosa que apenas pressentia. Ela debruçou-se bem diante de meus olhos, e o livro com este movimento rolou de seu regaço para os ladrilhos.

— Que tens? — perguntou-me de novo.

Repeli-a com brandura, e para dissimular o enfado que as suas perguntas me causavam, disse-lhe:

— Lê, minha amiga. Eu te ouvirei com reconhecimento...

Ela tapou-me a boca com a mão.

— Não mintas!

Para logo, receando talvez que a sua violência me houvesse ofendido, prosseguiu noutro tom, tornando-se subitamente muito grave:

— Perdoa-me, Sérgio; porém, eu adivinho que estás mentindo; eu adivinho que ias mentir ainda uma vez. Entretanto, por que hás de dissimular-me o teu pensamento? Por que hás de ocultar no fundo d'alma qualquer coisa que não compreendo? Faz-se como que uma sombra na tua frente; faz-se nos teus olhos um como que nevoeiro que intercepta a visão de tua bondade... Tu me evitas, tu me foges, como se a minha presença te fosse desagradável; sinto-me importuna e isolada, junto de ti. Tu te fazes taciturno e monologas na minha [372] presença. Teu esforço é manifesto quando pretendes manter comigo a conversa entabulada. Há algum tempo que te vejo apreensivo, como se alguma coisa te inquietasse. Fala! Por que te calas?

Dominada por uma secreta desconfiança, aproximou-se ainda mais de mim, tomando-me carinhosamente as mãos. A penetração de seus olhos

perturbava-me e a amargura de voz traía uma recriminação que ela não tinha coragem de formular claramente.

Era em vão que eu, com efeito, tentava dissimular-lhe os meus sofrimentos, porque o amor sobretudo emprestara-lhe esse instintivo poder de penetração que possuem as pessoas apaixonadas. Além disto, a longa convivência, a aproximação familiar da nossa existência ensinaram-na a conhecer as perturbações de minha alma, sintomatizadas por uma destas manifestações que muitas vezes nos escapam, desarmando a nossa fisionomia.

Laura sentara-se sobre os meus joelhos, e passando o braço em roda do meu pescoço beijava-me sobre as pálpebras e sobre as faces numa carícia que dantes me embriagava.

— Dize, dize, Sérgio! Que tens?

A sua voz ia adquirindo aquele timbre particular, produzido por um imperceptível tremor que tinha quando atravessada por qualquer emoção mais forte.

Este mesmo tremor se comunicava às suas mãos e ao seu corpo. Não obstante, a obstinação com que violentava o meu silêncio irritava-me.

— Não te atormentes, Laura — disse eu finalmente. — Por que o meu pensamento te assusta?

Ela encarou-me no fundo dos olhos e com um acento de infinita bondade, replicou:

— Perdoa-me, Sérgio; não te irrites, nem me queiras mal. Por que não vês que me afliges? É verdade! O teu silêncio, hoje principalmente, [373] me atormenta. Preferia quase que me maltratasses, por isto mesmo que o silêncio em que te exilas parece envolver um tão profundo desdém! Não o

negues! Ainda há pouco, quando lia, eu te observava: tu não me ouvias, tu não me escutavas; tu estavas a cem léguas daqui. Que pensamentos te absorvem a tal ponto que te divorciam de mim? Tu me perguntas se eles me assustam. Por que hei de negá-lo? Sim, Sérgio: teu pensamento me assusta, porque criou em ti não sei que animosidade contra mim... Tua conduta é agora tão anômala! Eu não poderei dizer-te por que motivo invade-me um pressentimento glacial quando te vejo assim abstrato e alheio. A minha inquietação é que não pode surpreender-te, porque *tu eras diferente; tu não eras assim*. Tu amavas a minha companhia, as minhas infantilidades mesmo te pareciam agradar. Agora, tu te exilas. É claro que te irritas mesmo, e ainda há pouco não pudeste reprimir um gesto de contrariedade e de enfado.

Fez uma pausa, e subitamente baixando a voz, com uma súplica no olhar prosseguiu:

— Oh! dize-me que não incorri no teu desagrado; dize-me que ainda me amas; dize que não te repugno, que não me desprezas!

Ela falou com um acento tão humilde e sofredor, que julguei conveniente dissimular a minha irritação.

— Sê razoável, Laura. Ouve: como poderias crer que eu fosse capaz de desprezar-te? Tu tresvarias! O meu silêncio te incomoda? Mas tu sabes que eu amo o silêncio, e em certos instantes a solidão me é tão precisa como o ar: ela repousa as minhas ideias, dá-lhes maior clareza e maior extensão.

Ela sacudia a cabeça, com um ar de dúvida.

— Não, Sérgio, tu ainda não me disseste toda a verdade. Há alguma coisa em ti que eu não percebo nem penetro, uma coisa impalpável que passa às vezes nos teus olhos como uma sombra por diante de [374] um espelho. Há algum tempo que noto em ti uma anomalia que cada vez mais

se acentua, como que um divórcio que te separa de mim. Sinto que me foges...

Pouco a pouco ela se entregara a uma progressiva exaltação e eu sentia os pequenos estremecimentos que percorriam seu corpo; de seus olhos, de uma inata bondade, as lágrimas rolavam devagar; tinha curvado a graciosa cabeça, sem uma palavra cruel nem um ímpeto de revolta, como ordinariamente acontece nas naturezas fracas e sensíveis em que as lágrimas constituem um derivativo para a dor. Senti-me possuído de pesar e remorsos, e todos os nobres impulsos de meu coração vibraram num transporte de ternura por Laura.

Porque eu compreendia os seus justos receios, os reclamos da paixão, que me pareceu sincera naquele instante; porque Laura tinha razão; porque as minhas impaciências, os meus inconfessáveis caprichos, a que ela não aludiu por uma delicadeza que devia comover-me, justificavam plenamente as suas palavras e as suas suspeitas.

Mas devia eu dizer-lhe *toda a verdade*? Devia eu confessar-lhe todos os sofrimentos de uma alma que fora alcançada por uma doença cruel?

— Pobre amor! Pobre amor! — exclamei, participando da comoção que ela comunicou-me. — Dize-me que me amas!

— Sim, sim! — acenou ela afirmativamente com a cabeça.

— Ainda?

— Sim, sim!

— Como dantes, como outrora?

— Sim, sim! — repetiu ela com o mesmo aceno.

Apertei-lhe as mãos docemente e deixei-me dominar pela mais doce das emoções. Naquele momento eu não duvidei que ela me amasse e pareceu-me evidente que a amava ainda.

[375] Não sei que íntima satisfação encheu minha alma de alvoradas: não era alegria, mas um sentimento muito doce, uma como compaixão por mim e por ela, uma enternecida misericórdia e o supremo perdão para os nossos destinos. E deixei-me ficar enlaçado nos seus braços, sentindo uma trégua ao sofrimento, um infinito bem-estar análogo à quadra em que eu era ingenuamente espontâneo e sincero. Laura percebeu o meu enternecimento, e esperava decerto que eu prosseguisse, que falasse, que desfizesse os seus temores; mas o que eu experimentava, naquele retrocesso ao país da ternura, era tão salutar, que qualquer palavra que eu pronunciasse deveria dissipar o nosso encantamento.

— Que tens? — perguntou-me ela de novo. — Sofres alguma coisa?

E a um gesto meu:

— Pobre amigo — continuou. — Como estás *diferente!* Dize, dize: em que pensas?

— Penso em ti.

— Que pensas de mim?

— Perguntava se é bem verdade que me amas?

Uma sombra desceu ao seu rosto.

— Por que me atormentas, Sérgio? — perguntou com uma irritação na voz.

Eu redargui:

— Se me amas, por que te irritas?

— Tens razão — disse ela depois de refletir—; mas por que me propões invariavelmente a mesma questão? Por que *duvidas ainda*? Tu sabes que te amo. E por que não havia de amar-te? E que provas poderei mais dar-te do meu amor? Tu é que desvias a questão, tu é que já não me amas, tu é que duvidas de ti mesmo, tu é que não podes mais amar-me, Sérgio!

Eu murmurei apenas:

[376] — Pobre amor!

— Por que me lastimas agora?

Eu já não podia dominar-me; sentia-me inclinado a dizer tudo, a confessar-lhe todos os meus tormentos, a vaziar-lhe n'alma o vírus de minhas perpétuas dúvidas.

— Tens razão, Laura, eu é que te atormento. Amas-me, bem o sinto no acento de tua voz. Mas vê que tortura! Amanhã ressurgirá a mesma inquietação, renascerão as mesmas dúvidas que me assaltam agora. Não te surpreendas que eu duvide de ti, desde que duvido dos meus próprios sentimentos: é uma obsessão mais forte que a minha vontade. Há naturezas assim complexas que assombram os caracteres simples e perfeitos como o teu. Há entre nós um verdadeiro contraste; há uma comunhão de almas que nunca! — ouves tu? — que nunca havemos de atingir! Entretanto, eu desejava merecer-te tanto! Tu és tão boa, tu és tão pura! Conjuro-te para que me ajudes a expungir-me deste malefício. Mas tu és simples; tu não poderás compreender a natureza dos sofrimentos que julgarás imagináveis; tu acreditas que todos os homens são simples, espontâneos, normais, e todavia há em cada alma um mundo tão diferente que não se encontrarão duas almas perfeitamente iguais como duas gotas d'água, ouves?

Eu ia talvez fazer-lhe uma confissão plena que me justificasse a seus olhos e sobretudo me desabafasse dos pesadelos que me oprimiam; ia abalar-lhe profundamente a alma, mas tinha certeza de encontrar nela um eco de simpatia e de piedade. Porém, de súbito interrompi-me porque Laura desatara a chorar.

— Por que choras? — perguntei.

— Tu não me amas! repetiu ela com um acento de inconsolável tristeza; tu amas a outra que não eu.

Como hei de explicar o desgosto que estas palavras me produziram? Subitamente afastei-me dela, *sentindo-me gelado por uma repulsão [377] invencível*. Qualquer coisa obscura e inimiga se interpôs entre mim e Laura, despertando-me não sei que absurda desconfiança e invencível antipatia.

— Como! dizia-me uma voz interior. É assim que ela interpreta as tuas palavras? Levado por um movimento de piedade, tu ias abrir-lhe tua alma, confiar-lhe os teus segredos, e ouves tão somente o brado do seu egoísmo? Assim, pois, não verificas que qualquer explicação, em vez de atraí-la para ti, concorreria apenas para aumentar a distância que vos separa?

Eu não compreendi então que somente ela tinha razão, somente ela adivinhava o que devia nos suceder mais tarde! Involuntariamente, direi mesmo contra minha vontade, eu a observava, procurando encontrar alguma linha do seu rosto, um traço, um contorno que acusasse a sua vulgaridade, tão diversa ela então se me afigurava da imagem da mulher por mim sonhada. E pareceu-me efetivamente que a boca denunciava uma baixa sensualidade e que a fronte não tinha a elevação que se pretende corresponder à nobreza do pensamento. Ela chorava, e os olhos intumescidos perdiam a sua expressão profunda e passionária. Sem

compreender o efeito deletério de suas palavras ela insistiu no mesmo pensamento:

— Tu não me amas! eu pressentia que não me amavas. Há muito que tenho acompanhado a tua metamorfose. Tu tens agora atitudes e gestos que não te conhecia, e ainda há pouco vi-te no olhar uma expressão de crueldade que me assusta. Repito: tu és *outro*, Sérgio. É a piedade que te induz a negá-lo, não é verdade?

Eu senti aumentar a minha aversão por ela, tanto as suas palavras e suspeitas exasperavam-me.

Laura não soubera aquilatar o esforço que eu fizera, quando apenas comecei a desvendar aqueles segredos que ela nunca mais havia de descortinar! Porque só violentando o meu orgulho, eu desceria a [378] uma tal confissão, por uma espécie de pudor que leva certas naturezas delicadas a dissimular aos estranhos as lágrimas mais legítimas.

Laura continuava a falar-me; eu não a ouvia; sei apenas que era uma queixa triste e resignada, cheia de lágrimas e de bondade; uma recriminação que já envolvia o seu perdão. Ela terminou:

— Tu pensas demais, meu amigo, e o amor não pensa nem reflete; quando se duvida que se ama é porque já não se ama.

— E quando eu duvido que me amas? — exclamei com insólita violência. Ela teve como que uma súbita revelação do que eu queria exprimir-lhe; nos seus olhos desenhou-se uma dolorosa surpresa.

— Perdoa-me, Sérgio. Pobre amigo! Tu estás tão perturbado! Dir-se-ia que te infligi um grande desgosto! Eu tenho receio de compreender-te...

E, exaltando-se, abraçou-me como querendo defender o seu amor.

— Sim, prosseguiu, tu me amas, e eu te amo; é bem verdade que nos amamos ainda! Hei de procurar na grandeza de minha ternura o segredo de elevar-me aos teus olhos! Por que não hei de conseguir que se opere em ti o milagre? Tu és vítima de um malefício cruel. Hemos de vencê-lo e, então, hei de te arrebatá-lo de novo nos elevados transportes da paixão, hei de mostrar-te os tesouros de ternura que reservo para ti no fundo de minha alma!

Apesar do desgosto que ela me infligia, comecei a recear aquela crescente exaltação que se denunciava na alteração de sua voz rouca e na desordem de seus gestos.

— Sim, sim; mas não te atormentes.

Ela não me atendia.

— E dizes, Sérgio, que havemos de ser felizes como outrora?

— Sim, sim, Laura; mas não te atormentes, repeti com impaciência.

Ela não me escutava.

[379] — Pois não havemos de ser felizes? Dize, Sérgio!

— Sim, sim

— Dize Sérgio; dize que não me desprezas!

— Sim, sim!

— Não vês que sou formosa ainda? Olha bem para mim!

Ela inspirava-me naquele instante um desgosto ainda maior. Eu estava estranhamente mortificado pela sua conduta.

— Sim, sim; mas cala-te, por Deus!

— Deixa que eu fale; preciso falar-te, dizer-te que te amo, que te amo imensamente! Queria dizer-te isto mesmo, mas bem intimamente, no fundo do teu próprio coração, para que ele te repetisse isto constantemente,

eternamente, e para que não duvidasse mais! Deixa que te abrace; sinto-me bem acolhida na tua força, no teu valor de homem. É-me agradável sentir-me pequenina e infantil dentre os teus braços. A minha inferioridade junto de ti me desvanece, porque eu quisera tudo merecer-te, tudo dever-te, como uma escrava, um prolongamento de teu ser, uma dependência de tua vontade, uma coisa tua — passiva, nula e miserável!

Tinha levantado a voz através da qual, como num temporal, passava uma rajada de frenesi e loucura. Eu nunca a vi, antes ou depois, numa exaltação tão profunda.

— Cala-te, cala-te — supliquei.

— Não, não! Por que hei de calar-me? — disse ela.

Mas não pôde prosseguir: um acesso de tosse embargou-lhe a voz.

O médico havia proibido qualquer excitação violenta e eu comecei a tremer por ela.

— Porém cala-te, cala-te — bradei.

Ela deixou-se cair nos meus braços, como abandonada pelas próprias forças. Deitei-a no meu regaço, como faria a uma criança; e ela entregou-se sem resistência, soluçando apenas cada vez mais espaçadamente.

[380] Também eu estava comovido (talvez mesmo mais irritado que comovido) e ambos nós tínhamos necessidade de silêncio e repouso para acalmarmos os efeitos dolorosos daquela explicação.

Durante muito tempo conservamo-nos silenciosos, mas aquela surda animosidade que existia entre nós não havia se dissipado. A minha reserva não me absolvía nem me justificava, entretanto ambos sentíamo-nos tomados de uma certa piedade um pelo outro, como se realmente nos houvesse atingido uma desgraça comum.

Durante muito tempo quedamo-nos silenciosos. Laura acalmou-se e houve um instante que cuidei que tivesse realmente adormecido.

Quanto a mim, passados os primeiros momentos, recaí de novo no estado anterior, analisando as minhas impressões e refletindo sobre a situação anômala em que a fatalidade nos colocava. E mesmo nos momentos mais dolorosos dos que acabávamos de atravessar, não é verdade que eu surpreendia-me friamente observando os menores gestos de Laura, a mais fugitiva nuance da expressão fisionômica, como querendo sondar as profundidades desconhecidas de sua alma? A minha inquietação aplacada não ressurgiria no dia seguinte, mais dolorosa e mais triste?

Eu pensava:

— Ela suspeita apenas, sem penetrar toda a verdade do que agora se passa em mim. Ela disse por vezes: “Tu és *diferente*; tu não és o *mesmo*; sinto-te *outro*”. E eu estremecia todas as vezes que a ouvia pronunciar-se desta maneira. Não reconheço eu próprio esta singular metamorfose que se opera em mim, alterando as minhas sensações, os meus apetites, os meus sentimentos e as minhas ideias? Tenho medo. Sim! Tenho medo de me compreender! Por que eu não hei de ser, como Laura, simples e natural? Por que hei de ser um ente complexo e artificial? Serei uma anomalia e uma exceção? Por que hei de sentir esta inquietação doentia, sem motivos razoáveis, esta febre constante [381] que provém do contínuo e doloroso latejar do pensamento? Eu não me reconheço, chego a duvidar de minha própria identidade, e muitas vezes pergunto se a sinceridade de meus sentimentos não será atraçoada pelas minhas observações pessoais. A palavra é um laminador que exagera e deforma o pensamento; é um signo imperfeito; e o solilóquio interior em que formulo mentalmente as minhas

considerações não me induzirá também ao erro pelo exagero e falso relevo do pensamento? Como Laura há de penetrar a minha alma, se eu mesmo acho-a impenetrável? É talvez por isto que me sinto desconhecido e anômalo; dir-se-ia que estou descobrindo novos continentes do mundo interior, e que novos horizontes vão se abrir à minha consciência; às vezes como que a série de fenômenos que constituem o meu passado subitamente se parte para reconstituir-se depois. Sinto-me cheio de surpresas, de dúvidas e de perplexidades... E Laura? Ama-me ainda? amar-me-á sempre? Vi-a ainda agora palpitando e fremindo diante de mim. Seus olhos enchiam-se de lágrimas. Parecia varada por uma comoção profunda. Mas até onde estes sinais exteriores correspondem à verdade dos nossos sentimentos? Laura é formosa; não sei que palidez sobrenatural põe agora na sua face um luar de suprema melancolia. Mas que pensamentos se dissimulam na sua frente? Que sedimentos repousam no fundo do seu ser, agora que acalmou-se a sua excitação anormal, isto é, agora que ela se normalizou e que é portanto diferente da mulher apaixonada que ainda há pouco me fazia protestos de um amor perpétuo? Quando havemos de atingir à suprema comunhão de almas que desesperadamente eu aspiro?

Eu pensava ainda:

— Laura pertence-me, porém eu jamais poderei possuí-la. Ela há de ser-me eternamente estranha e hostil, como toda a criatura humana. Por mais que eu tente esforçar-me para transmitir-lhe meus pensamentos, ficarei sempre solitário e incompreendido, encerrado na [382] torre da Solidão e do Silêncio. A hipertrofia da vida da inteligência envenena o meu drama de amor; e eis-me interrogando sobre a verdade de meu afeto com uma tal obstinação, com tamanha tenacidade, que o meu amor parece ter

morrido por ter sido demasiadamente analisado. Por que realizei eu este amor? *Sonhando-o* eu teria atingido à máxima intensidade dos gozos mortais. Sim, porque o que eu desejara alcançar de Laura fora em vão um indefinível, um impossível êxtase espiritual. Eu não quisera beijar a sua boca nem estreitar no peito o seu corpo; eu não trocava a mais voluptuosa carícia de sua carne pela suprema ventura, pelo êxtase sobre-humano de *conhecer a sua alma!* Sim! Eu preferia desenvolver nela a alma, fazer resplandecer a ideia, com prejuízo da sensação e do sentimento, isto é, com detrimento da própria vida! Quisera que sua alma se amoldasse à minha como à forma perfeita, a ideia perfeita, que se unisse, que se estreitasse de tal maneira que nos confundíssemos numa só existência espiritual, realizando desta arte a mais elevada aspiração do amor humano! Mas esta aspiração é humanamente irrealizável, como o sonho de Pigmaleão querendo animar a estátua a que suas mãos deram a ilusão da vida... Porém, por que somente agora sinto despertar em mim estas aspirações insensatas, as aberrações mais monstruosas, toda uma forma de ser que é nova e inédita para mim?

— Em que pensas? — perguntou-me Laura subitamente.

Não lhe respondi; e evitei encará-la, porque tinha medo de seus olhos.

Terrível, o cão familiar, a um canto da varanda nos contemplava gravemente; e como que nos seus olhos havia uma fugitiva exprobração contra mim; olhava-me fito, lealmente, com esse olhar quase humano, que se aproxima dos olhos das crianças.

— Perdoa-me — disse Laura.

Respondi com um gesto distraído e incerto.

[383] Ela tornou a fechar os olhos, pálida como uma defunta.

O dia morrerá lentamente, mas o crescente apontava sobre a montanha. O céu era todo branco, de uma brancura de lírios fanados e de rosas alvas; no ocaso apenas um último clarão do dia, lívido e espectral, reverberava pela noite adiante; e no ar, em que as *Trindades* morriam distantes, expirava o último sopro da tarde, como o derradeiro suspiro de uma primavera defunta.

III

O medo! o medo!

Foi este daí em diante o meu pior inimigo. Em vão me esforcei para varrer d'alma aquele mal, para resistir e vencer um terror doentio, mas não está na capacidade da energia humana sufocar os sentimentos que se radicam nas profundidades de nossa natureza. Nenhum esforço de vontade foi capaz de debelar o pavor absurdo que me infundiam as mais insignificantes circunstâncias da vida cotidiana. Persuado-me de que os meus nervos, como as cordas de um instrumento extremamente sensível, se afusaram a uma tal delicadeza, que vibravam ao menor rumor, ao mais trivial acidente, como o cair de uma folha, o estalar de um móvel, numa repercussão exagerada que multiplicava os meus receios e sobressaltos. O coração tinha um ritmo acelerado e desigual, e a impressão de terror, produzida por um incidente familiar, repetia-se muitas vezes, como ecos sucessivos de uma mesma emoção. Este sentimento de um medo infundado é tão absurdo que um espírito são jamais poderá conceber o quanto ele é verdadeiramente irresistível. Entretanto, ele é tão vulgar que bem poucos são aqueles que se sentem capazes de penetrar numa igreja deserta, a horas

mortas da noite, logrando forrar-se à impressão [384] de pavor que o sítio mesmo nos dá, ainda quando emancipados das grosseiras superstições vulgares.

Mas se este sentimento, ordinariamente passageiro, a despeito do testemunho dos nossos sentidos e da razão, se mantém e nos acompanha nos atos ordinários da vida, então nada é comparável à agonia que se apodera de nós, arrebatando-nos até o desespero e a loucura. Muito embora invocando toda a autoridade da razão e todo o prestígio da inteligência, muitas vezes não me pude forrar a estes acessos de um terror insensato, e ainda mesmo passada a crise, ficava constantemente sobressaltado pelos perigos que me cercavam a todas as horas, a todos os instantes, em toda a parte, como os frutos da sementeira do mal, como um exército invisível de inimigos, como uma tenebrosa franco-maçonaria de perversidade. Por mais irrisórias que fossem as fantasias de minha imaginação, eu não podia eximir-me ao medo que elas causavam-me, e via-me perseguido num assédio tenaz, num cerco apertado de ameaças obscuras. Começara a exercer-se sobre mim a ação maléfica do *Inimigo*.

O meu insucesso na vida pública, com o qual eu me havia conformado a princípio, avultou então de importância a meus olhos; fantasiava os imaginários estratagemas postos em prática pelos meus inimigos para me perderem.

Reconstituí todos os episódios verdadeiros da luta em que eu próprio me havia empenhado, com um ardor e um entusiasmo de apóstolo, pela causa da abolição dos escravos, e divertia-me, mortificando-me ao mesmo tempo, em forjar um trama odioso que acabava por passar do domínio da

ficção para o da realidade, e aparecia-me traçado com uma precisão inquisitorial.

De terror em terror, eu cheguei a acreditar numa conjuração formidável, num trama sinistro, numa maquinação diabólica que tinha por objetivo aniquilar-me na pior das mortes — na morte do espírito, [385] na loucura. Oh! Decerto os meus imaginários inimigos já haviam matado em mim a parte mais preciosa de minha existência — os entusiasmos de moço, o nobre devotamento pelas causas santas, a dedicação levada ao sacrifício pessoal, a coragem indomável, a audácia dos cometimentos, as qualidades nobres e cavalheirescas, todos os meus próprios predicados e os legados pela minha família!

Mas o que me surpreendia era o contraste do meu terror doentio com a minha coragem anterior, o meu egoísmo com a minha abnegação, a minha melancolia com o meu fervor passado.

Era uma transformação completa, uma radical metamorfose que se realizaram em mim vagarosamente. Ainda hoje não sei como eu podia ser vítima destas aberrações, a despeito dos protestos de minha razão. A solidão que a princípio me seduzia causava-me então terror; eu tinha medo de estar só, porque começava a pressentir que *nunca me achava só*.

Como poderia explicar este sentimento de *uma outra pessoa presente e estranha*, mesmo quando eu me achava no mais absoluto isolamento? Como poderei explicar a aversão que me inspirava aquela presença a cujos influxos não me era dado escapar, distribuindo-me um papel subalterno de uma espécie de mediador plástico?

Já naquela época eu tinha o sentimento muito vago de uma *presença estranha*, acompanhando-me incessantemente como a minha própria

sombra. Na solidão, a meio de minhas meditações, é que ela subitamente se revelava, e minha consciência acusava a assistência de um personagem interior, instável e indeciso como uma sombra ou como um espectro... E comecei a temer a solidão, como odiava o rumor e o movimento.

Sim! Era o fantasma do medo que me levava a prostrar certos exames de consciência. Eu tinha medo de compreender; tinha medo de adivinhar. E diante dos fenômenos singulares que eu próprio [386] testemunhava, deixei-me penetrar pelas abusões mais ridículas, por todos os terrores da credence mais boçal. De surpresa em surpresa eu chegara a este absurdo resultado, se bem que minha inteligência continuasse a demonstrar-me o ridículo dos meus terrores.

A pouco e pouco, com uma crescente ansiedade, comecei a descortinar as tenebrosas elaborações de minha consciência que passava por diversas fases de uma agitação desusada.

Eu era vítima de uma horrível alucinação psíquica? Eu era o joguete de uma degenerescência cruel?

Enganar-se-ia quem me supusesse louco, admitindo-se que a loucura seja uma moléstia típica que se faça reconhecer por certos sintomas particulares e sinais premonitórios. As operações da inteligência, da razão, da memória não apresentavam nenhuma irregularidade, e graças à integridade de minhas faculdades eu pude descobrir os falsos testemunhos dos sentidos, quando era vítima da perversão de minhas sensações. Reconhecia ilusórias e resistia às crenças que me eram sugeridas.

Nem por isto, porém, era menor o meu estupor; às vezes não me reconhecia; às vezes julgava-me *outro*; tudo ao redor de mim perdia o seu aspecto natural; eu tinha o ar de um *homem maravilhado* que tivesse sido

transportado para assistir o espetáculo de um mundo novo e fantástico. Verificava que ao mesmo tempo alguma coisa tentava isolar-me do mundo exterior, cercado por uma atmosfera obscura e pesada que me lançava a uma extrema distância do mundo. Não poderei explicar como esta sensação era profunda; eu fazia esforços inauditos para que minha personalidade não me fugisse. Frequentemente acontecia-me perder a posse de minha cabeça, como se ela não existisse, e cuidava agir automaticamente.

Nestes momentos a consciência de um *segundo eu* era precisa e implacável; dentro de mim mesmo eu tinha um *segundo ser* curioso, atento [387] e vigilante que observava os meus atos, e agia por seu turno da maneira a mais irritante.

Era um ser intruso e impertinente, um hóspede maligno e odioso, absolutamente odioso! Entre mim e ele estabelecera-se um conflito perpétuo. Acabei por detestá-lo, por desprezá-lo, e sobretudo por temê-lo. Sim, temia-o, como se teme um celerado e um réprobo; temia-o como se teme o mais encarniçado dos inimigos; temia-o como se teme uma potência que nos perturba com os seus malefícios!

Nos momentos em que sua presença se fazia sentir pelas suas crueldades, eu acreditava no poder infernal de um agente abominável que se localizara dentro de mim mesmo. Readquirida a minha primitiva personalidade, era-me preciso uma alta tensão de espírito para escapar à mistificação de duas pessoas distintas e reais, sucedendo-se dentro de mim. Procurava incutir no meu próprio espírito a convicção de que a anomalia de minhas sensações podia por si só produzir aquele fenômeno, e esforcei-me lealmente para viver a vida ordinária e voltar à existência normal.

Por mais que meu espírito se recusasse a admitir a coexistência de duas personalidades simultâneas ou alternadas, a alucinação era tal que eu me julgava verdadeiramente duplo, e a dualidade de pessoas agindo dentro em mim impunha-se com a evidência dos fatos. Surpreendia-me a dialogar com um personagem interior, e muitas vezes apostrofava-o com veemência no ardor duma altercação. E os meus discursos, as palavras mentais eram tão imprevistas e continham por vezes ideias tão terríveis que eu estremecia do horror. Custa-me até hoje a acreditar que os arrazoados deste segundo personagem fossem um eco que lhe reenviava meu próprio pensamento.

Eu vivia a vida de um pesadelo, tão distante me achava da existência real. Era muitas vezes literalmente *outro*, e *outras* eram as sensações que constituíam o meu ser.

[388] Cumpre notar que eu não tinha do *eu* uma noção exata, deixando-me iludir pelo sentido das palavras ordinariamente empregadas para representar esses seres metafísicos, puros fantasmas criados pela ficção do nosso espírito, admitindo como substância o que é apenas uma relação ou coordenação de elementos. A força do uso verbal dava a essa essência oculta agindo livremente dentro de nós o caráter de sujeito. Este *eu* persistente, estável, imutável e único que nada mais é do que as minhas sensações, ideias e percepções, eu o concebia como “uma essência superior, distinta, situada além dos fatos”. Eu não concebia que somente por abstração os psicólogos chegam a considerá-lo à parte. Deixando-me mistificar pela ilusão metafísica, a minha concepção do ser real não era a de “um grupo atual de sensações, ideias, emoções, desejos e volições ligadas por uma cadeia invisível aos acontecimentos anteriores e passados, que nos dão uma ideia de continuidade da consciência”. Esquecia-me de que a sua permanência

era aparente, de que ele não era fixo, porém incessantemente repetido. Mas o ponto de partida desta ilusão não foi em mim uma ficção voluntária, mas um acidente despercebido, um desses fenômenos interiores que escapam à observação consciente, um malefício que nenhuma força humana seria capaz de esconjurar. A um espírito normal esta duplicidade se afigura inadmissível; entretanto mais uma circunstância devia concorrer para que eu fosse vítima de mais graves alucinações.

Comecei a notar que uma indecisão frequente deixava que nos meus atos dilatários influenciassem, além do elemento de fatalidade que pesa sobre todas as ações humanas, as circunstâncias de mero acaso, chegando finalmente à conclusão de que tinha duas vontades: uma, ordinária, familiar, por assim dizer, que dirigia a minha existência normal; e outra, extraordinária, suplementar, porém contraditória, que se fazia sentir exatamente quando um sentimento profundo perturbava todo o meu ser ou durante os momentos de êxtase que [389] nos fazem esquecer-lo e findos os quais reentramos nele com toda a energia, por um perpétuo retorno.

Quando uma paixão me dominava, manifestava-se a vontade extraordinária; dir-se-ia que era mais poderosa, mais genérica do que a vontade individual; dir-se-ia uma vontade atávica, dir-se-ia a vontade de uma raça...

A minha liberdade interior não era por conseguinte inviolável. A minha atividade era, além de tudo, instintiva. Os meus atos eram produzidos por uma série de fatores que antecederiam à minha consciência. Em suma, não eram atos explícitos da vontade, e eu reconheci com uma tristeza infinita que era um simples autômato, um ridículo joguete do acaso!

Num momento de lucidez da consciência eu pude decifrar o segredo terrível do mal que eu suspeitava para cair numa maior surpresa. Sim! Eu tinha dentro de mim uma testemunha implacável, um espectador glacial, um *outro ser* indiferente, um interlocutor que me contradizia e que paralisava as minhas ações. Era o meu antípoda moral, diverso de mim, oposto aos meus sentimentos, escarninho, irônico e cruel; era um espírito que me contradizia, irritava-me, mortificava-me. O seu prestígio era tal que se me tinha incutido no espírito a convicção de uma completa impotência, e sentia-me humilhado por aquele hóspede importuno e invisível que se comprazia em atormentar-me.

Ainda aqui vi uma forma de perseguição cruel; era ele! o *Inimigo*, o eterno *Inimigo*!

Esta descoberta foi para mim tão desastrada que durante alguns dias tornou-se impossível analisar-me: uma cefalalgia de que padeci durante os primeiros dias de setembro não me permitia observar o que eu experimentava. Foi após um dos seus acessos que eu fui atacado nos ouvidos de um rumor contínuo semelhante a um rufar [390] de tambores ao longe. Ao mesmo tempo pareceu-me que qualquer coisa, de novo, isolava-me do mundo exterior, e um relógio vibrando as quatro horas da madrugada afigurou-se-me estar colocado a uma imensa distância.

Uma noite, colocando-me de pé, pareceu-me que os móveis do quarto, as paredes, as janelas moviam-se vagarosamente em torno de mim.

Receei um envenenamento, e a esta ideia quis gritar e chamar por alguém, mas repugnava-me despertar Laura que dormia num aposento vizinho.

Eu titubeava como um homem embriagado. Minhas pernas vacilavam, e foi-me preciso fazer os maiores esforços para não cair. Entretanto, parecia-me que eu não devia pesar de forma alguma, tão leve me achava.

As perturbações do ouvido é que mais me surpreendiam, e o que é mais admirável é que eu ouvia muito distintamente, mas de uma maneira diferente: os sons eram mais apreciáveis e mais estridentes, e repetiam-se muitas vezes, como ecos respondendo a uma só voz. Não poderei exprimir o efeito espantoso que a estranheza destas impressões me produzia. Eu não conhecia aquelas sensações novas nem sabia como deveria interpretá-la. Olhei em torno de mim com terror.

Entretanto, no aposento reinava uma profunda calma àquela hora da noite. A atmosfera estava pesada, e eu abri uma janela. A luz do candeeiro muito pálida não palpitava; era fixa, inalterável, consumindo-se lentamente. Os móveis tinham cessado de girar; todavia as distâncias entre eles eram maiores, e eles próprios tinham um aspecto anormal.

Eu estava sumamente atento, e nada escapava à minha atenção. Não sofria nenhuma dor física; a minha inquietação era devida ao medo, à expectativa de um acontecimento fatal, cuja realização eu pressentia com uma clarividência inigualável.

[391] E, com efeito, no meio de absoluto silêncio do aposento, distintamente — com uma clareza e uma inflexão que ainda hoje eu poderia reproduzir — uma voz singular chamou:

— Sérgio!

E esta simples palavra pela primeira vez ecoou nos meus ouvidos com um sentido novo, articulada de uma maneira particular, como eu nunca havia ouvido!

Mas o que é verdadeiramente singular é que não era propriamente uma voz humana que a pronunciava; pelo menos nenhuma voz humana jamais havia soado aos meus ouvidos por aquela forma. Era por sem dúvida uma voz *animada*, viva por certo, mas não era emitida por uma garganta humana; nem tampouco ela vinha de fora para dentro, quero dizer do exterior para o interior; porque *aquela voz ressoava como que dentro de meu próprio ser!* Era uma voz interior, como se fosse a voz da minha consciência; não obstante não sei precisar por que razão eu tinha absoluta certeza de que era uma voz estranha.

E no meio do absoluto silêncio do aposento — ainda mais distintamente, com uma clareza espantosa — aquela voz singular chamou:

— Sérgio!

Desta vez a voz tinha se elevado, e pude perfeitamente avaliar a natureza do seu timbre, estudar as suas inflexões e reconstituir quase a natureza da pessoa que a emitia. Pelo timbre não podia restar a menor dúvida de que era uma voz masculina. Era habituada ao mando e ao sarcasmo, imperiosa e escarninha. Não possuía nem pureza, nem doçura; era incisiva, fria e breve e no modo pelo qual me chamava havia uma intenção explícita de ironia e de maldade. A hiperestesia auditiva não perturbava, antes parecia confirmar a verdade de minhas observações.

Entretanto, apesar de verificar que era uma voz interior, eu estava ainda tão pouco afeito à alteração de minhas sensações, que [392] surpreendia-me de ver o quarto adormecido sob o ruído estridente e desagradável daquela voz. Involuntariamente meus olhos procuravam por toda a parte o personagem invisível que me dirigia a palavra pela primeira vez com tamanha familiaridade.

E — coisa singular! — apesar da sua aparente estranheza, apesar do incômodo que ela me causava, apesar de minha surpresa, eu lembrava-me confusamente de ter ouvido algum dia aquela voz, de uma maneira diferente talvez, não sei quando nem onde, e apesar de tudo, por mais estranhável que pareça, eu me recordava de ter sido ela algures uma voz familiar!

E no meio do absoluto silêncio do aposento, — ainda mais distintamente, com uma clareza ainda mais espantosa — aquela voz singular repetiu:

— Sérgio!

Eu estava aterrado. O meu primeiro movimento foi de fugir; mas, tal qual se eu fosse dominado por uma vontade alheia, minhas pernas se recusavam a obedecer-me. A este desfalecimento seguiu-se, porém, um movimento de reação; o tom autoritário e impertinente com que eu era chamado feriu o meu amor-próprio, excitou-me à revolta. Uma antipatia mortal separava-me daquele interlocutor obscuro que falava dentro do meu próprio pensamento. Era *O Outro*, eu já havia adivinhado! E apesar de uma secreta curiosidade de ouvi-lo, a cólera assobiou na minha voz:

— Quem és tu? — perguntei.

E atônito, anelante, aguardei a resposta, receando que aquela ilusão se dissipasse, tanto ela acabara por intrigar-me. Ela, porém, não se fez esperar. A princípio ouvi muito distintamente um riso escarninho que não excluía uma certa bonomia, seguido destas palavras:

— Ainda bem que me respondes. E eu sabia que tu havias de responder-me e que ao terror havia de suceder a cólera.

[393] Houve uma pausa, ele prosseguiu:

– Oh! Bem sei que me temes e que me odeias, que te apavoro e que te irrita ao mesmo tempo. A mim pouco se me dá. Tu me és perfeitamente indiferente, tanto mais que és um simples brinquedo nas minhas mãos. Depois, por que me perguntas quem eu sou? Porventura já não tinhas adivinhado que era eu mesmo? *Eu ou tu*, como quiseres somos a mesma coisa.

Eu ouvia, eu *ouvia* as suas palavras sem compreender a princípio o seu sentido. Como um homem que readquirisse o sentido do ouvido após um certo período de completa surdez, eu estava maravilhado de ouvir, tão admirável tudo aquilo me parecia. Contudo, pude compreender o que o invisível interlocutor me dizia, e de novo revoltei-me contra o tom insolente que envolvia um propósito manifesto de mortificar-me. As suas palavras traduziam claramente a mesma intenção, e as minhas previsões se confirmam.

Por que desde o começo um sentimento de antipatia insuperável me animou contra aquele ser enigmático não poderei dizer. Sem poder mais conter-me, perguntei de novo:

– Quem és tu?

O mesmo riso irônico e imperturbável se fez ouvir.

Houve um certo silêncio. Eu sabia que nas sessões espíritas, após as evocações, dão-se às vezes fenômenos semelhantes e que os espíritos inclinados ao escárnio e à galhofa, são considerados impuros. Sem procurar mais discutir o fato, esta hipótese ficou definitivamente assentada no meu espírito.

– Quem és tu?

A voz respondeu-me

— Devagar, devagar... Por que te impacientas? Tu me perguntas: quem és tu? E eu poderia responder-te com a mesma pergunta: “quem és tu?” Queres te convencer de que eu sou O Outro, o espírito [394] de contradição, um hóspede importuno e quejandas futilidades. Pois bem. Se isto te agrada, chama-me Lúcifer, Mefistófeles, Espírito das Trevas, o Inimigo do Gênero Humano... O vocabulário de nomes feios é inesgotável. Porém, basta de farsa! É ridículo estarmos aqui ensaiando uma comédia inútil!

A sua voz tornou-se claramente irritada.

O Outro prosseguiu:

— Por que pretendes dissimular-me o teu pensamento? Porventura não sou uma testemunha interna que observa todos os atos da tua consciência? Acaso ignoras que eu seja parte integrante do teu ser? Eu sou o teu Inconsciente. Tu me detestas! Mas não sabes que sou o teu parente mais próximo, teu irmão, uma segunda modalidade de tua essência, uma substância de tua substância? E tu que és senão o prolongamento de mim mesmo e a continuação de minha vontade? Será preciso que demonstre ainda a extensão do meu domínio em todos os departamentos do teu ser? Não te reconheces impotente diante de meus caprichos, de minha tirania, de minha superioridade? O livre arbítrio! Quem ainda ousa sustentá-lo? Rio-me dele. Que pode a tua vontade, desde que eu me sirvo de ti como de um trapo ridículo? Verga-te aos meus desejos; submete-te como um autômato! Tu és um mero instrumento de meus caprichos, tu és uma arma nas minhas mãos, tu és uma máquina que opera ou para, ao sabor de minhas fantasias. Em que país do mundo um soberano e um déspota poderiam encontrar súdito mais fiel, vassalo mais dócil que tu? Muito embora discutas calma e refletidamente os pensamentos que te sugiro, tu agirás consoante a

perturbação do momento que eu souber provocar nos teus centros nervosos. Tu te desvaneces da tua inteligência, do teu discernimento e da tua razão. Pobre criatura! Essas prendas que reputas tão preciosas constituem o teu pior mal, porque, aparentando uma fictícia liberdade moral, te demonstram à saciedade o quanto [395] te aviltas e te amesquinhas sob o império de minha vontade. Se ao menos fosses louco, terias atingido à mais bela aspiração dos homens – a irresponsabilidade. Mas tu te desvaneces, ao contrário, de tuas faculdades. O teu horizonte intelectual até se alargou e rasgou novas perspectivas ao raio de tua inteligência; a consciência continua a dar-te o testemunho dos teus atos; a vontade... Ah! A vontade que age por tua conta! A vontade! Seria verdadeiramente engraçado que a agulha de uma bússola deixasse de voltar-se para o ponto que fatalmente a atraísse! Toca a minha vez de perguntar: “Quem és tu?” Quem és tu senão um joguete e um instrumento!

Sublevado por um movimento de revolta, bradei-lhe, cheio de indignação:

– Mentas! Tu mentas! Tu estás mentando!

O tom de minha própria voz era tão desfigurado que causou-me espanto. Dir-se-ia que inconscientemente, involuntariamente, ela procurava imitar a voz do meu interlocutor. Cumpre notar que eu me achava num estado de agitação tal que a menor circunstância tomava a meus olhos um relevo fora do comum.

Era a primeira vez que sofria de uma alucinação daquela natureza e somente as pessoas que alguma vez foram vítimas de alucinações hipnagógicas poderão compreender o assombro que tudo aquilo me causava. Além disto, a encenação do quarto, o silêncio da noite, aquela

solidão de morte que me separava do mundo davam àquele diálogo noturno, àquele pesadelo funesto, um prestígio de pavor intraduzível.

Insensivelmente dei alguns passos pelo aposento. Passei a mão pela frente para afugentar os acerbos pensamentos e notei que estava alagada de suor. Houve uma longa pausa: sentia-me mais tranquilo, quando a voz maligna se fez de novo ouvir no fundo de minha alma. Tornara-se mais nítida, mais sarcástica e mais cruel.

[396] — Ora, bem. Agora recorres à injúria para sufocar a voz da verdade, a voz da consciência, por que que sou eu senão um eco do teu pensamento e o reflexo de tua própria alma? Acaso queres admitir a dualidade da alma humana? Que nome respeitável poderia recomendar aos espíritos sensatos semelhante doutrina? Tu participas dos mesmos prejuízos da Igreja que ainda há bem poucos séculos mandava exorcismar os possessos e arrancava das entranhas das mulheres o feto monstruoso em que estava inoculado o vírus satânico! Acreditas no *homo duplex*, no gênio familiar de Sócrates, no interlocutor de Blake, no diabo de Lutero em Wartbourg? Por que, pois, me chamas O Outro? Por que esta abominável alcunha? Eu e tu somos uma só essência, uma só personalidade, uma só substância, um mesmo ser e uma única alma!

— É falso! — afirmei com veemência — É falso!

Arrastava-me pelo aposento com passos desordenados. Acometeu-me um indomável furor. A irritação que aquelas palavras me produziam explodiu numa torrente de palavras que eu pronunciava em voz alta, como para abafar a do meu contraditor.

— Tu mentes, tu me iludes! O meu *eu* e o teu são coisas distintas, e mais que distintas, porque são opostas. Tu és na verdade um ser paralelo ao meu,

mas agindo no sentido inverso dos meus sentimentos; tu és um centro de ações independentes e alheias; as tuas palavras são um artifício falaz, desses em que se deleita a tua paixão pelo embuste, o amor do mal pelo mal, não sei que ignóbil qualidade bestial que escapa por monstruosa ao gênero humano. Tu pretendes ter nascido das camadas inconscientes de meu ser, como essa flora glacial e venenosa das cavas subterrâneas. Se isto fosse verdade, ainda assim eu te detestaria, porque tu és o meu mais mortal inimigo; tu me atormentas e atraíças; tu me sugeres os mais brutais propósitos da natureza humana. E quando me debato na luta, quando capitulo com [397] o desespero e caio vencido, tu tens a alegria monstruosa das almas danadas, sentes a demência infernal das alegrias perversas! Oh! Odeio-te cordialmente, com todas as forças de minha alma! Tu és o espírito da maldade, és o ser mais ignóbil da escala de todos os seres. Tu és um impostor! Tu te disseste meu irmão! Miserável! A que sentido cuidas tu corresponder a significação desta palavra? É uma blasfêmia que só podia ser cuspidada pela boca de um esgoto! Irmão como Caim! Não te posso dizer a repulsão que me inspiras, desde que te sinto alojado dentro de mim. Se eu me afogasse num poço de sãnie não experimentaria maior asco e maior nojo do que o que me inspiras!

Arrebatado pela violência de minhas palavras, eu debatia-me numa cólera fremente; depois não sei bem que confusão se fez nas minhas ideias. Senti que a luz dos olhos me fugia; uma fadiga extrema pesou sobre os meus nervos, e caí debatendo-me num furioso ataque de epilepsia.

IV

A semana que se seguiu foi de tréguas aos meus sofrimentos morais. Esforcei-me por apagar no meu espírito as impressões causadas pelo funesto debate noturno, e voltei ao meu estado anterior. Todavia, não estava tranquilo, porque o medo continuava a atormentar-me. Eu receava que *ele* voltasse, que a sua presença se manifestasse por um daqueles atos que assinalavam a desordem do meu espírito. A minha consciência perdeu aquela lucidez que se revela nos espíritos doentes, análoga à irritação de um órgão enfermo de que não nos lembramos quando funciona regularmente.

A transição do estado anormal do meu espírito para o seu estado ordinário era rápida e fácil, se bem que cheia de surpresas. Eu [398] readquiri a minha memória e as minhas sensações ordinárias, e este retorno a mim mesmo, este regresso à minha verdadeira personalidade era cheio de magia e de encanto, semelhante à ternura que nos inspira o regresso a um sítio querido cheio de doces recordações.

Laura cercava-me de carinhos e mostrava-se enternecida e inquieta, e o velho médico da casa, ao qual me ligava uma antiga amizade, interrogava-me por vezes, sacudindo a cabeça incrédulo. Eu dissimulava a todos as perturbações do meu espírito. Não se podem imaginar os artifícios engenhosos de que eu lançava mão para iludir as suas perguntas e os seus olhares. Procurava dar às minhas palavras um tom calmo e tranquilo, e punha o máximo cuidado em não deixar transparecer nos meus discursos nenhuma das emoções que eu sentia. Receava que descobrissem as minhas inquietações, as minhas covardias e as minhas alucinações; sobretudo procurava dissimular o medo que se apoderara de mim.

De fato, ao cabo de alguns dias eu estava quase tranquilo, e chegava mesmo a perguntar se eu não era vítima de uma mistificação odiosa ou de um sortilégio inexplicável.

Para este resultado muito contribuiu a presença de um amigo ao qual eu dedicava uma particular afeição. Única pessoa admitida à nossa intimidade, Henrique era um parente que eu viera encontrar vivendo obscuramente numa repartição pública e consagrando o resto do tempo com uma ponta de gênio à música.

Era um destes artistas irregulares e delicados, de uma emotividade exagerada, que distraidamente, a meio de uma conversa trivial, se surpreendem solfejando a melodia a que corresponde o acorde que tem no cérebro.

Ele professava pela arte um respeito profundo e um culto fanático, e por uma espécie de pudor e de orgulho, ao mesmo tempo, em geral não exhibia o seu talento senão entre pessoas muito íntimas, mediócras [399] virtuosos cujos conceitos ele acolhia com indulgência e com um leve sorriso de fina ironia quando se referiam a assuntos que se prendiam à “arte divina” de que ele, aliás, pouco falava, praticando-a, porém, com um tal sentimento, com uma tal emoção, com tanta alma, que o artista de improviso se revelava nele, transfigurando-o.

A sua figura banal tomava de repente um relevo singular. Como que de sua fronte irradiava um clarão imaterial, alguma coisa semelhante a um fluido; as suas mãos tremiam; nos seus olhos de míope, através das lentes, uma pequena flama se acendia, e dir-se-ia que ele estava momentaneamente possuído por uma alma diferente.

Aquela perturbação era tão manifesta que, terminado o trecho musical que provocava o seu arroubamento, ele tinha o aspecto de um homem pudico surpreendido a meio de um sonho voluptuoso, e às suas faces, que conservavam ainda a frescura de uma face de Cristo adolescente, dois pontos de rubor afloravam e ele era todo confusão. Henrique tinha consciência desta perturbação, e muitas vezes, confessou-me, procurou dominar-se e fazer de sua fisionomia uma máscara impenetrável; mas, subitamente, mau grado seu, um ligeiro tique nervoso desarmava a sua factícia impassibilidade, e arrebatado pelo imprevisto de uma frase musical, sentia uma torrente de harmonia como um jato luminoso, banhar de um gozo intraduzível toda a sua alma, e a sua emoção vinha se refletir na sua extática atitude de iluminado.

Passado aquele instante e recomposta a sua fisionomia na sua expressão comum, ninguém acreditava que fosse capaz de sentir e de transmitir as mais altas emoções artísticas aquela pálida figura de funcionário, sempre mudo, falando geralmente por monossílabos e tão envergonhado de si mesmo que estava sempre prestes a elidir-se pela primeira porta ou pela primeira escada.

Apesar disto, Henrique era interessante. A sua figura participava da delicadeza feminina, e evocava um tipo ideal de menestrel. Entretanto [400] a sua aparente candura ocultava um espírito calmo, refletido, sofredor. Eu tinha por ele uma afeição quase de pai.

Recordo-me de sua extraordinária confusão quando o apresentei a Laura. Ele corou até à raiz dos cabelos e não sabia onde colocar o chapéu para cumprimentá-la. O seu desazo fez-me sorrir, e eu recomendei à Laura:

– Sê benévola e gentil com ele, porque bem vês que o seu gênio assenta-lhe tão mal como a cabeleira de que usa.

Laura, em suma, soube cativá-lo, pondo não sei que graça delicada, que tom familiar na conversa, de modo que em vez de intimidá-lo, venceu a sua natural reserva e pô-lo quase que à vontade na nossa conversa. Reparei mesmo que ela soube seduzi-lo mais depressa do que eu esperava.

Dentro em pouco estabeleceu-se entre ambos um comércio de livros, uma constante troca de ideias que os ligavam a um centro de simpatia comum, e então em torno ao piano eu passava os longos serões ouvindo o inspirado violino de Henrique, enquanto Laura acompanhava-o ao piano ou fazia ouvir a sua bela voz. Era uma voz admiravelmente timbrada, vencendo em flexibilidade e energia a do violino e emitindo as notas com uma limpidez e uma pureza celestes. Dir-se-ia que Laura tinha a garganta cheia de estrelas. Mas eu sabia que aquela voz unanimemente admirada por todos os que a ouviram era talvez a consequência de um defeito orgânico, de uma lesão que havia de vitimá-la fatalmente. Porém, Laura tinha um tão vivo prazer, mostrava tamanha satisfação, que eu consentia que ela desrespeitasse os conselhos médicos, entregando-se moderadamente àquela diversão. Henrique ouvia-a extasiado: aquela voz comovia-o a tal ponto que algumas vezes esquecia-se do violino, e era todo enrubescido e cheio de confusão que recomeçava a parte esquecida, com uma dessas arcadas incisivas, enérgicas e magistras em que vão dez anos de vida e de estudo.

[401] Era um verdadeiro artista aquele obscuro amador, ignorado do público que ele odiava e desprezava no seu ingênuo orgulho e na penumbra em que propositalmente se elidia. Quando se lhe falava na nomeada e na

glória, sorria com a surpresa de um homem que encontrou no gozo estético toda a recompensa e satisfação de seus esforços e desejos. O seu único desejo insatisfeito e secreto era possuir um Stradivarius, um verdadeiro, um legítimo Stradivarius. E tinha ideias bizarras. Com o seu violino tinha o cuidado, a ternura e a devoção de um homem apaixonado pela mulher amada. Efetivamente o instrumento vivia nas suas mãos, adquiria uma voz que quase excedia em pureza e extensão à voz humana, e ria, cantava, gemia, soluçava como um coração de mulher.

Eu adorava-o. Dias havia em que a sua presença era-me indispensável.

Henrique mesmo nunca adivinhou até que ponto se fazia sentir a sua influência no meu espírito. Eu amava a sua companhia, por isto mesmo que ela desviava-me a atenção das minhas apreensões, após os sintomas assustadores que eu havia notado em mim mesmo e que eu me esforçava por esquecer — se bem que outros acontecimentos de somenos importância me causassem um constante receio. Além disto eu começara a habituar-me à minha nova maneira de ser, tranquilizado quase, senão resignado diante de acontecimentos inevitáveis e fatais. Demais, Henrique distraía-me de preocupações amargas, e o seu violino exercia sobre os meus nervos uma ação benéfica e salutar. Ouvindo-o acalmavam-se todas as minhas agitações, estabelecia-se um longo repouso no meu ser, e eu ficava como que sob uma ação magnética, cujo amavio se prolongava ainda muito tempo depois de calar-se a voz do violino.

Assim consegui durante algum tempo lograr um relativo repouso, que não era, contudo, isento de inquietação.

[402] Oh! Como conservo viva a recordação desse tempo! Ele foi o último período luminoso que precedeu as trevas em que se despenhou de novo o meu espírito.

Com que comoção eu me recordo ainda de uma das últimas vezes, a penúltima talvez, em que ouvi a voz do mágico violino.

Foi, se bem me recordo, nos últimos dias de setembro...

Nos últimos dias de setembro, por uma tépida e luminosa manhã, despertei nas melhores disposições de espírito, como se a luz houvesse dissipado todos os pesadelos passados.

Como as janelas tivessem ficado abertas, a alcova amanheceu inundada de luz que penetrava pelas vidraças voltadas para o nascente. Os ramos das árvores, que quase penetravam pelas janelas e que atingiam às altas cimalhas, estavam molhados de chuva e orvalho, e a cada instante uma gota d'água, cheia de luz e brilhante como uma estrela cadente, destacava-se de uma haste mais delgada e caía no chão; e embaixo das árvores centenas de pequenos orifícios praticados na areia molhada assinalavam a queda constante daquele pranto primaveral.

Já haviam começado as primeiras chuvas e o céu nostálgico de agosto, abafado de fumos azuis, doentio e cálido, fora lavado pelas chuvas que apagaram a poeira e refrescaram a terra sedenta.

O quintal, apesar de abandonado e inculto, rejuvenescia na sua esmaltada verdura, e uma rosa pálida e exangue revivia durante mais algumas horas numa velha roseira. A cepa, que projetava uma sombra fresca e tranquila ao fundo da casa, estava cheia de rebentos novos e de parras tenras que já se abriam protegendo e amparando microscópicos racimos. Certas dependências do fundo da casa estavam ainda cercadas de lírios e

boninas; estas últimas formavam ao fundo da horta uma verdadeira floresta, na qual se destacavam as suas florinhas amarelas e roxas.

[403] Meu espírito de improviso povoava-se de imagens remotas que pareciam esquecidas e apagadas. Elas ressurgiam, mais doces e mais caras, sob uma nova luz de ternura e de saudade; e era com meus antigos olhos de criança que eu examinava as árvores, maiores e mais velhas agora.

Laura despertou-me daquela contemplação.

— Não vens, Sérgio?

Ela estava vestida para sair.

— Como estás pálido!

E aproximou-se da janela.

— Olha! — disse eu, mostrando-lhe a quinta.

Ela passeou o olhar por todo o recinto, e quando os seus olhos voltaram-se para um ipê que se via ao longe teve uma exclamação admirativa:

— Como é lindo!

A árvore com efeito estava literalmente coberta de flores, as suas belas flores amarelas, de um amarelo pálido, delicadíssimo, de âmbar. Não se lhe via uma folha sob aquela explosão de flores que formavam a sua copa, cobrindo o tronco de uma dalmática de ouro. No meio das outras árvores verdes e copadas, aquela se destacava como uma árvore de outro mundo, o exemplar único de uma flora desconhecida, originária de um outro planeta. As flores tinham a forma de uma pequenina cornucópia e de uma fanfarra, e era crível que sob um outro clima, numa latitude misteriosa, todas aquelas fanfarras cantassem uma harmonia eólia e celeste.

— Vamos — disse eu.

Laura assistia regularmente à missa dos domingos, por um antigo hábito de família. Eu devia acompanhá-la à igreja, cujos sinos espalhavam na luz da manhã uma alegria desordenada, quase profana e pagã.

[404] Um regato corria em frente à quinta, marginado de lírios silvestres e rosas bravas. Transposta a ponte, diante de nós ficava um bairro que parecia despenhar-se do alto da montanha. A igreja era em frente, com as suas torres douradas de luz no fundo de uma praça irregular.

 Ia pelo céu uma alegria domingueira.

Havia sol, e os telhados ainda úmidos de chuva exalavam um tênue vapor cor de rosa. As vidraças das casas esplendiam, e todos os velhos quarteirões mal alinhados e apinhados de construções superpostas nos taludes e nas encostas das montanhas, lavados e frescos, pareciam rejuvenescer e perder o seu ar de nostalgia e de abandono.

Uma vegetação nova e tenra cobria as montanhas ásperas e davam ao panorama o aspecto acidentado, montanhês e risonho das paisagens suíças; e, distante, a cúspide bipartida do Itacolomi se levantava, grandiosa e severa, em plena apoteose das vaporações, dominando toda a linha do horizonte.

Penetramos na igreja por um jardim que ficava na frente e no qual o esguicho d'água de um repuxo irisava-se à luz do sol. O ofício ia começar, e uma multidão de fiéis se acotovelava à porta da igreja. Em frente, no fundo da capela-mor, mergulhada numa meia obscuridade, havia como que uma floração de luzes que palpitavam; do alto do teto um lustre enorme pendia, e um raio de sol, penetrando por uma rosácea, feria os pingentes de cristal, tirando efeitos surpreendentes de luz.

O altar-mor inteiramente iluminado resplandecia no ouro fulvo de suas esculturas, solene e severo, como uma porta aberta para o céu; as suas

colunas douradas, perdidas nos pequenos detalhes da escultura, se levantavam majestosamente, dominadas pelo frontal; e ali a harmonia das duas cores, branco e ouro, aumentava o efeito decorativo da capela, na encenação opulenta do templo. As tribunas laterais e o recinto da igreja começavam a encher-se de fiéis. As palavras [405] proferidas em voz baixa, mesmo o rumor dos passos, pareciam abafados no ádito religioso. No coro alguém afinava um violino e de vez em quando uma arcada feria as suas cordas. Era Henrique.

A cada instante a onda dos fiéis aumentava, o recinto ia aos poucos se povoando. Os recém-chegados ajoelhavam-se, persignavam-se, tomavam uma atitude recolhida e murmuravam uma oração. Trocavam-se apertos de mão e cumprimentos discretos, e andava-se nas pontas dos pés como no quarto de um moribundo.

Houve um movimento geral. O sacerdote, acompanhado pelo acólito, subiu para o altar. Fez uma genuflexão, e o ofício começou.

De súbito do alto do coro uma onda de harmonia despenhou-se nas naves, ecoou por todos os recantos do templo com uma majestosa solenidade. Uma alma adormecida despertava no arcabouço da igreja para celebrar o ofício divino e todas as suas fibras gemiam e ressoavam no recinto sagrado. Era grandiosa e épica, como a alma de uma multidão ou de um povo, e na sua voz mil vozes vibraram, irreduzíveis e obscuras, como os vários perfumes que se confundem num só perfume.

O violino de Henrique dominava a orquestra.

Um calafrio passou por todas as luzes da igreja. Elas empalideceram e palpitaram. O incenso subia para o alto em espirais lentas, e minha alma penetrou brandamente no horto do sonho místico.

Doce êxtase intraduzível e fascinador! Minha alma sofredora repousava naquele oásis de ternura, esquecida das tristezas, cheia de paz e de amor, embriagada de perfumes celestes. Descia sobre a minha cabeça a graça, e eu experimentava o antegozo das supremas bem-aventuranças, da beatitude inigualável e do bem inefável. Minha alma atônita agitava as suas asas brancas, desferia o voo arcangélico, perdia-se nas alturas imensuráveis e estava tomada da vertigem de céus e céus sucedendo-se até o infinito. O mundo do sonho abria-me as suas [406] muralhas de bronze, e eu penetrava nas fronteiras encantadas: era lá o Principado dos Eleitos, o reino dos que se redimiram, o domínio imaterial do espírito. Minha alma passeava no horto florido, horto cujas árvores eram douradas, como flores amarelas que cantavam uma dulia virginal e cujas flores eram pequenas chamas, vivas e ardentes como a fé...

Eu amava a igreja, a pompa litúrgica, as cerimônias do ritual romano, não por um sentimento de hipocrisia nem por uma concessão aos costumes e à opinião dominante na multidão. Nenhuma transigência com os preconceitos de seita me animava; mas porque o templo constituía um atrativo para o meu espírito, com a sua encenação teatral, a sua pompa espetaculosa, a majestade da arquitetura, o mistério dos ofícios divinos, todo o cortejo, em suma, do culto externo. E ao penetrar no ádito perfumado das capelas, a alma mística despertava, povoada de obscuras recordações de claustros e de mosteiros, falando-se misteriosamente para o êxtase e para a prece.

Mas, subitamente *senti-me impelido a cometer um ato anômalo*, a provocar de qualquer maneira um escândalo, a proferir uma heresia ou uma blasfêmia. Apoderou-se de mim um desejo insano de provocar o ódio

daquela multidão por um ato de irreverência que proclamasse bem alto a minha incredulidade, que ferisse as suas crenças e os seus preconceitos. E com um olhar provocador examinava todas aquelas caras humanas, bestiais e imbecis, nas quais se refletia um espanto bovino diante do espetáculo das cerimônias grotescas do altar.

Era uma impulsão irresistível contra a qual embalde se revoltava a minha razão. Eu sentia que seria incapaz de dominá-la, e cerrava os dentes para não proferir uma obscenidade. Não podia conter a tentação, que atraía-me mesmo pelo insólito e pelo absurdo de minha conduta.

[407] Retirei-me do templo, levantando protestos descontentes das pessoas que eu desconcertava no meu caminho.

Resignara-me a uma longa espera, e foi contra a minha expectativa que eu vi terminar o officio divino. Os fiéis se levantavam, um rumor surdo se levantou no templo. Fui esperar Laura à porta principal. Ela foi uma das últimas pessoas a sair, eu via-a avançar no meio de um grupo de devotas de aspecto humilde, envolvidas em longas capas negras. Ela veio sorrindo para mim, mas estacou, surpreendida, antes de tomar-me o braço:

— Como estás pálido, Sérgio! Dize, que tens?

Respondi com uma evasiva, e apressei-me a fugir da multidão que nos acotovelava, tremendo, com o receio de pôr em prática o absurdo pensamento que se me incutiu no cérebro como uma tentação diabólica. Era *O Outro*, sim era *O Outro* que me dominava!

Mas ao sair pela a rua, senti-me pouco a pouco tranquilo. Readquiria a posse de mim mesmo. Respirei com a satisfação de um homem que acaba de salvar-se de um perigo. Fora da atmosfera da igreja, pareceu-me que entrava de novo em mim mesmo.

O sol ia alto, e a luz meridiana caía sobre a praça como um pó de ouro impalpável. As primeiras andorinhas chilreavam nos ares e as *tesouras* soltavam pequenos pios estridentes. Um esquisito perfume errava na atmosfera, e do céu a claridade caía como uma benção plácida e luminosa. Os fiéis que voltavam do templo punham uma nota de cores alegres e variadas na velha praça pela qual Laura e eu lentamente descíamos, sentindo-nos penetrados por aquele anúncio da primavera que chegara, com o seu cortejo de flores que desabotoam, de ninhos sonoros como guizos, de manhãs claras e tépidas, de tardes serenas e cor de rosa, e de noites que desdobram pelos céus os mantos negros e lucilantes de estrelas.

Durante um mês eu pude viver de novo até certo ponto tranquilo.

[408]

V

A minha relativa tranquilidade não foi, porém, duradoura.

Um incidente inesperado devia gerar no meu espírito uma cruel suspeita que veio a ter as conseqüências as mais terríveis, concorrendo para o desenlace tremendo deste drama sinistro de que eu fui o monstruoso protagonista.

Uma noite, como acontecia frequentemente, nós nos achávamos no antigo salão da casa, no qual fora instalado o piano de Laura, que se resignara a colocá-lo naquele aposento enorme e cheio de solenidade, devido às suas magníficas disposições acústicas. Naquela noite devia se executar não sei que trecho de Wagner ou de Beethoven. Henrique manifestara um vivo desejo de ser acompanhado ao piano por Laura, e falava

com ardor naquele ensaio. Ele insistira de tal maneira, preocupara-se tanto, que acabou por interessar-me vivamente pela audição daquela noite. Durante muitos dias fizera Laura executar, corrigir e repetir certos compassos que se lhe afiguravam de uma rara importância; e cada vez que conseguia o efeito desejado, a expressão preferida e única, revelava o seu contentamento por sinais repetidos de aprovação com a cabeça.

Porque, quando empolgava-o a sua paixão dominante, esquecia-se de ser tímido, tornava-se expansivo, jovial, dois asteriscos de alegria brilhavam nos seus olhos, e nos seus atos e nas suas palavras se denunciava uma excitação semelhante à de um homem no começo da embriaguez alcoólica.

Logo que Henrique chegou, eu notei a sua perturbação. Um amante que aguardasse a hora de uma entrevista não poderia revelar maior impaciência: ele agitava-se de um lado para outro, torturava a [409] sua barba fina e loura, tirava alguns acordes do piano; ia até a janela para respirar, como um homem a quem falta o ar, e voltava de novo para recomeçar este jogo extravagante.

Apesar das sombrias disposições de meu espírito, a sua conduta divertia-me, e eu o observava com um olhar malicioso de que ele não dera fé: era como um maníaco que tem o cérebro torturado por uma ideia única, absorvente e dominadora.

Aquela noite, além de um vivo desejo, eu tinha necessidade de ouvi-lo. Eu contava com o efeito sedativo do seu violino para acalmar a minha excitação e, foi com um aperto de mão cordial que o recebi na escada quando ele chegou, trazendo encerrado numa caixa o mágico instrumento. Laura não se fez esperar muito, e foi com impaciência que eu ouvi ressoar no salão com uma soberba majestade o primeiro acorde do prelúdio.

Por que é que a música que até então fora um bálsamo para mim operou de repente como um malefício diabólico?

A princípio, à audição dos primeiros compassos, eu não podia bem compreender o que sentia: debatia-me mesmo por apreender o sentido que se continha na linguagem vaga e fugidia da música. A pouco e pouco a sua influência se fez sentir, e um ligeiro arrepio anunciou o alvorecer da minha primeira emoção.

Não me preocupo de saber o que o artista queria exprimir, mas de notar o efeito que em mim causava. Subitamente invadiu-me uma indizível ternura, direi antes a sombra de uma ternura. Depois, senti bem que a música traduzia uma elocução apaixonada, uma declaração de amor talvez, uma súplica ardente, viva e sobre-humana. Em seguida a voz apaixonada (a voz do violino) esmorzava como num desfalecimento de vontade; o seu calor arrefecia, empalidecia, desmaiava; mas era só um instante, porque a súplica se renovava com uma eloquência crescente, arrebatadora e indomável. E não sei se [410] porque, afeito à ficção do teatro, tudo isto parecia-me traduzir uma cena erótica e romanesca que se desenrolasse entre dois personagens, um trovador e uma castelã, na sala de um solar antigo e severo, cheio de panóplias e de armaduras de aço.

A sugestão era tal que eu cuidava *ver* os dois personagens, de um dos quais era aquela voz que ora se adoçava à súplica mais submissa e doente e ora se inflamava de desejos, tornava-se imperiosa e dominadora.

E finalmente a voz tornara-se débil, infantil: era uma queixa resignada; desfazia-se em gemidos; palpitava como um músculo; rebentava em gritos lancinantes.

Repentinamente o violino calou-se a meio da música.

Eu vi Henrique subitamente parar e empalidecer.

De fato o violinista tinha interrompido a execução, dominado por uma comoção terrível. Ele tinha um *tique* doloroso na face e movimentos coreicos, independentes da sua vontade.

Eu olhei para Laura: ela estava muito pálida, o seu semblante traduzia a surpresa e o espanto. Henrique recuperou a posse de si mesmo. Num relance percebeu a inconveniência e o ridículo de sua conduta.

O pincenês tinha-se-lhe escapado do nariz e os vidros partiram-se sobre o teclado do piano. Esta circunstância devia ter concorrido para aumentar o seu embaraço, porque ele tornou-se cor de lacre, balbuciou algumas palavras inexplicáveis, e tropeçando nos móveis, despediu-se, depois de algumas palavras de desculpa.

Tudo isto foi tão brusco, tão precipitado e imprevisto, que eu não tive vontade de rir. Aquele incidente fez-me mal, e quando voltei-me para Laura, notei que ela estremecia.

Eu fiquei numa grande perplexidade diante da conduta bizarra de Henrique. Encarava-a sob um ponto de vista altamente dramático, [411] que não me dava o menor desejo de escarnecer e zombar. Sentia-me vagamente incomodado, quase irritado diante daquele incidente inesperado; e uma suspeita fraca e vacilante começou a germinar, instilando-me no coração um veneno sutil. O *Outro* não tinha coragem de formulá-la claramente no meu espírito porque eu tentava mesmo repeli-la como um sentimento indigno; porém ele voltava com a insistência de uma mosca impertinente.

O *Outro* dizia-me: “Se eles se amassem? Porventura aquela conduta bizarra não justificava esta hipótese inverossímil? E atendendo à natureza das emoções produzidas pela música, pelo menos à maneira pela qual tu a

interpretaste, não havia uma segunda intenção nos atos de Henrique? A emoção traiu-o. Seus nervos atraíçõaram-no, porque a sua natureza excêntrica é semelhante a esses insetos em que uma pele transparente põe a descoberto o jogo dos diversos órgãos. Demais, a inquietação que já lhe havias notado, a desordem de seus atos — tudo isso não vem justificar as tuas suspeitas?”

O *Outro* continuava a fazer insinuações corrosivas no fundo de minha alma com uma obstinação diabólica. Por isto certos pormenores que me haviam escapado em relação à Laura assumiam outra importância, depois que o meu espírito se tornara prevenido: a maneira de sorrir para Henrique, a expressão carinhosa do olhar...

Porém, era horrível macular aquela nobre criatura nesses pensamentos deletérios! Revoltava-me contra a suspeita que me insinuava aqueles pensamentos que profanavam a mais pura das mulheres! Todo o fundo honesto e são de meu ser sublevava-se contra a iniquidade do pensamento que me torturava, acrescentando mais um martírio aos meus sofrimentos.

Embora recorrendo a todas as sugestões da minha própria dignidade, da minha honra e do meu critério, não me foi dado repelir o [412] pensamento maléfico e funesto. Ninguém pode calcular os esforços que empreguei neste sentido.

E, apesar de tudo, eu constatava que, nas trevas de minha consciência, a serpe venenosa continuava a silvar e cuspir a terrível e ignóbil suspeita...

A minha preocupação única e inalterável tornou-se daí em diante a traição de Laura. Meu pensamento corria de Laura a Henrique com uma dolorosa rapidez.

Eu bem quisera acalmar-me, esperar uma prova definitiva, um ato decisivo, uma palavra, enfim, que pusesse termo às minhas dúvidas. Chegava a preferir ter certeza da desonra a ficar naquele estado febril de incerteza! O *Outro* prosseguia na sua obra de Iago.

Eu estremecia de impaciência, de cólera, com aquele pensamento martelando-me o cérebro, flagelando-me até à tortura. Oh! se eu pudesse saber e adivinhar! Laura amava-o? Eles se amavam? Corresponder-se-iam? Mas, por que, se se encontravam frequentemente? Henrique amava-a? E desde quando? De que maneira? Seria um flerte ou uma paixão já criminosa? Que havia entre eles?

Eu formulava em vão estas interrogações, passando em revista dia por dia as suas palavras, os seus atos, os seus menores gestos, de que minha memória podia dar conta. E uma série de incidentes, de pequenos atos, de gestos mal reprimidos vinham confirmar as minhas suspeitas. O *Outro* lembrava-me certas atitudes singulares que eles tomavam ao piano, com as cabeças quase unidas e os olhos quebrados de volúpia, como lubrificados por um óleo sutil.

Quando sentiam-se isolados as suas vozes tomavam inflexões ternas, de uma cariciosa doçura que não tinham quando se dirigiam aos outros. Involuntariamente sorriam-se quando se olhavam, e mesmo quando o sorriso não se desenhava na boca esboçava-se no ângulo [413] dos olhos ou alvorecia na luz do olhar; estabelecia-se entre eles uma corrente invisível de simpatia.

Lembro-me de que um dia ao regressar à casa, encontrei à porta Henrique que saía perturbado, com um olhar oblíquo que não me fitava, despedindo-se com duas palavras bruscas. Todo o seu aspecto era o de um

homem que estava sob o império de uma comoção profunda; tudo nele era irregular e áspero. E quando encontrei Laura ao pé da janela, verifiquei a mesma perturbação, uma certa desordem de espírito, não sei que vago temor; e eu vi-a pálida, com os estigmas da culpa nos olhos, com esse aspecto criminoso que trai as culpas mais secretas de uma alma.

Fiquei fulminado, mas continuei a dissimular as minhas suspeitas. Laura acalmou-se pouco a pouco, e não me evitou mais, os olhos cheios ainda de visões do pecado! Passados os primeiros instantes, falou-me amorosamente, beijou-me nos olhos, desfez-se em carícias.

E aquelas carícias queimavam-me como um ferro em brasa. Era assim talvez que ela se entregava ao amante, que ela se dava ao homem que eu acolhia em minha casa!

Uma outra vez eu fui surpreendê-los ao canto do salão. Falavam os dois entretidos numa conversa à meia voz, olhando-se nos olhos num tal arroubamento que só se aperceberam de mim a dois passos de distância. Henrique perturbou-se profundamente, e ficou tão pálido que tive receio de vê-lo desmaiar, e nos seus olhos passou esse frêmito involuntário que os percorre, quando alguém surpreende uma coisa inconfessável no fundo do nosso pensamento. Eu justifiquei-o então porque sabia-o excessivamente nervoso e sujeito a profundos abalos depois de um susto, de uma surpresa ou de qualquer pequeno incidente.

Laura tinha ficado impassível, e teve coragem para rir e forçar-me a sentar junto dela. Como pudera adquirir aquele poder de [414] dissimulação? Que era aquela paixão vergonhosa se assim podia ocultar-se, ao lado de sua paixão por mim quando ela se me havia entregado para toda

a vida, abandonando os que lhe eram mais caros, sem reservas, sem um pensamento que não nos fosse comum?

Sem reservas?! Mas eu nunca havia podido possuí-la inteira; nunca pude penetrar a sua alma: *havia nela alguma coisa que me era hostil e defesa*; havia recantos de sua alma que eu nunca pude perscrutar! Quem compreenderá os segredos do coração feminino? Estas dúvidas ferroavam-me ferozmente. Eu debatia-me numa tortura cruel.

E se Laura fosse inocente? Se todavia as aparências me enganassem? Que fato positivo tinha eu para levantar uma acusação formal? Que fundamentos incontestáveis tinha eu para formar uma convicção inabalável? Como podia adquirir a cruel certeza de ser traído? E qual deveria ser a minha conduta no tumulto das dúvidas que me assaltavam?

Se Laura me enganasse, eu sentia-me capaz de perdoar-lhe a fraqueza, mas nunca poderia perdoar-lhe a traição, a mentira, o embuste, a dissimulação e o escárnio daquela comédia ignóbil! Traído, eu não lhe perdoaria o desprezo, a zombaria e o desdém! Assaltavam-me crises de cólera irracional, tinha os olhos ardentes, os dentes cerrados, as mãos crispadas. Procurava acalmar a minha agitação: era preciso mostrar-me indiferente e ignorante; sorrir para todos; disfarçar o ódio amargo que fervia em mim; apertar a mão do homem execrado; beijar a mulher desprezada; fingir, dissimular, distribuindo-me um papel de espião naquela farsa; ser o compadre da comédia; calar todos os sentimentos do meu brio; sufocar os impulsos de minha honra ultrajada; aviltar-me numa tranquilidade criminosa! — até surpreender o infame delito, e então...

A imagem do flagrante delito fazia-me um mal imenso que era semelhante à sensação que em alguns produz uma lima mordendo o [415]

aço. Eu via-os na atitude ignóbil de se amarem fisicamente, bestialmente, como os bácoros e os cães! Odiava-os, então, de tal maneira que não encontrava uma tortura capaz de vingar-me da vergonha e da traição. Tinha nos braços a força de uma legião de búfalos para esmagá-los! A horrível tortura! Afastava esta imagem acerba, porém ela voltava de novo com um relevo implacável!

Se Laura não fosse culpada? Se o meu pensamento me atraísse? Muitas vezes quis interrogá-la, expor-lhe lealmente a minha inquietação; mas receava o embuste: Laura podia não dizer-me a verdade. Ah! Se eu pudesse ignorar tudo como outrora! E ao mesmo tempo tinha medo de saber. Mesmo que estivesse em minhas mãos a chave do segredo, eu não teria talvez adiado a prova terrível, como um doente pediria ao médico para prostrar a amputação de um órgão doente?

Entretanto, Laura fingia-se tranquila; parecia não compreender nada do que em mim se passava, e com efeito eu punha um cuidado particular em dissimular-lhe meus sentimentos. Em verdade, parece que ela já se havia habituado à desordem dos meus atos, e olhava-me apenas com uma imensa compaixão.

Os dias sucediam-se, sem que eu pudesse adiantar um passo naquela estrada de incertezas. Eu sentia uma coragem varonil de afrontar a cruel verdade — parecia-me que ela seria menos dolorosa do que aquele estado intolerável em que me achava. Ao menos tudo ter-se-ia acabado, o meu tormento findaria. Uma solução qualquer — e eu me representava diversas — poria cobro aos meus desatinos. E com uma calculada indiferença eu proporcionava aos amantes mil ocasiões de se encontrarem a sós;

multiplicava as suas entrevistas e falava-lhes alegremente de coisas frívolas e graciosas. Laura parecia olhar-me com satisfação e reconhecimento.

Mas um dia, ao examinar as minhas pistolas, verifiquei que elas tinham sido cautelosamente descarregadas! Este caso intrigou-me. O [416] meu primeiro movimento foi de cólera: Laura tinha receio de que eu os assassinasse, talvez!

Mas pensava, depois: Quem sabe se receia o meu suicídio? Resolvi fingir que ignorava; mas aquela descoberta aumentou as minhas suspeitas. Verifiquei que por seu turno Laura espreitava os meus atos, sondava os meus pensamentos, verificava as minhas saídas, informava-se de meus passos, estabelecera uma polícia inquisitorial que me exasperava. Por isto mesmo redobrei de prudência: tinha a máxima cautela e evitava todas as ciladas em que pudesse cair.

Era um jogo que extenuava-me, porque exigia uma atenção de todos os instantes, um tato fino e uma cautela extrema. Estava alerta a todas as palavras, a toda a mímica que se passavam em redor de mim. Isto mortificava-me ainda mais: parecia-me absurdo que pudesse continuar a viver assim. Qualquer desenlace, por mais pavoroso que fosse, dar-me-ia alívio: era-me preciso romper de qualquer forma o assédio daquelas torturas, e aguardava ansiosamente o momento de libertar-me delas.

Entretanto, Laura sofria. Às vezes eu a via dormindo, e parecia-me morta: estava pálida, desfeita, com um olhar vago e errante.

Perguntava-lhe frequentemente:

— Que tens?

— Estou indisposta, apenas. Um pouco de fraqueza, Sérgio.

Era verdade: muitas vezes descobri que me esperava até alta noite, fingindo-se adormecida. Certa noite, eu a surpreendi descalça, a meio da alcova, tiritando de frio. Eu passeava, monologando no salão. Ela não pôde dissimular a sua confusão, quando eu a fui encontrar.

— É verdade, meu amigo; vim ver se estavas incomodado. Falavas tão alto, e o teu passo era tão desigual!

Fingi acreditar, e repreendi-a brandamente.

Laura sofreu durante aquela noite — teve frequentes acessos de tosse, e tinha a face tão branca como se não tivesse mais uma gota de [417] sangue, mergulhada num sono penoso entrecortado de gemidos e sobressaltos, sem abrir os olhos.

Eu contemplava ansiosamente o seu rosto, e não podia ficar tranquilo. O médico recomendou-me muito o repouso. Laura tinha um movimento doloroso da fisionomia para exprimir o seu sofrimento, e em torno de seus olhos havia uma tinta suave, lilás, quase roxa, mas diáfana, puríssima, que aumentava singularmente o brilho dos olhos. Quando eu me aproximava para dizer-lhe à meia voz qualquer palavra, abria os olhos, olhava-me com uma espécie de curiosidade assustada, estendendo-me as mãos pálidas, com um sorriso melancólico. Não falava, parecia que não tinha forças para fazê-lo, e tinha o aspecto de um ser maléfico que se tornou inconsciente, inerme e indefeso. Naqueles momentos eu procurava ler no fundo de sua alma, através dos seus olhos; mas no fundo de sua aparente limpidez havia um véu de trevas impenetráveis.

Alguém perguntava-me no fundo de minha alma:

— Que pensamentos giram na mente de Laura enquanto tu acaricias os seus cabelos?

Ela sofria. O médico aconselhou as distrações plácidas, os passeios moderados. Estava muito fraca, com as forças abatidas: em pouco tempo havia se tornado irreconhecível, com os olhos muito grandes e uma fadiga em toda a sua pessoa.

Passava dias inteiros num canapé, sem ter coragem de dar alguns passos pelo quarto; não comia; os pratos de sua colação voltavam intactos, mas não se irritava, não fazia um gesto de contrariedade. À sua resignação era tal que parecia envolver uma ofensa. Nada a interessava, nada a contrariava — tinha a docilidade de uma criança. Sorria docemente quando eu lhe dirigia alguma palavra, olhando-me com uma grande ternura. Mas a moléstia, em vez de destruir-lhe a formosura, mais acentuava a delicadeza dos seus traços, imprimia-lhe [418] um cunho de nobreza e de bondade às feições, e o seu rosto tinha um afilamento angélico.

Ela mostrava-se infinitamente reconhecida quando eu tinha para ela uma carícia ou terno cuidado. Olhava-me com uma tal devoção! Tinha uma delicadeza tão esquisita!

Malgrado meu, assaltavam-me as suspeitas angustiosas, as inquietações amargas — eu esforçava-me para ler nos seus olhos e na sua frente.

Não! Não! Pensava, eu estou louco!

E acusava-me de crueldade, queria pedir-lhe perdão. Não queria duvidar dela, não queria sofrer aquela angústia passada!

Mas a suspeita do ciúme silvava nos abismos do meu coração insinuações ferozes. Um ser maligno escarnecia-me e recordava-me coisas passadas, com um sarcasmo feroz. Mas, não obstante estas sugestões, os hábitos familiares tornavam a prender-me, os atrativos da vida doméstica,

o sorriso de Laura, todas as seduções capciosas me empolgavam de novo, e eu enlanguescia ao latejar dos desejos — insinuavam-se-me mil tentações imprevistas. Uma vileza!

Aquela situação artificial colocava-me na mais intolerável posição! Oh! Que horrível, que dolorosa incerteza!

Foi ela que deveria perder-me para sempre, arrastando-me aos atos mais horríveis de minha vida!

VI

Para os espíritos calmos e frios, chamados razoáveis, para a maioria dos homens que prejudica os nossos atos segundo o seu senso íntimo, para a dialética que somente compreende os sentimentos alheios pela analogia dos próprios sentimentos, é inconcebível que [419] um espírito em que não haja perturbação positiva da inteligência e da razão não possa reagir contra uma ideia criminosa e vencer uma obsessão abominável que se apodera tiranicamente do nosso espírito, que o flagela de contínuo ou por intervalos irregulares, mas de uma maneira irresistível e desesperada, estabelecendo uma luta tão medonha que cuidar-se-ia ser o ludíbrio de uma potência infernal.

Entretanto, assim como na coreia uma perturbação dos centros nervosos motores destrói a harmonia dos movimentos e tira ao doente o domínio de seus músculos, um desequilíbrio dos centros psíquicos não poderá sujeitar-nos a uma ação mental espasmódica, sem que a inteligência perca a sua lucidez? Seja como for, o meu dever não é explicar, porém notar todos os fatos, sem omiti-los nem desfigurá-los.

O que é verdade é que me achei neste estado mental de que me recordo ainda com desgosto e surpresa. Senti-me verdadeiramente possuído pelo espírito da perversidade e arrastado por uma impulsão instantânea e cega a atos de destruição e maldade que me repugnavam. O *Outro* dominava-me; emprestava-me uma espécie de instinto de furor subitâneo ou de rancor frio. Nascera em mim um desejo sanguinário, horrível. Evitava a todos com receio de uma violência; como um homem atacado de vírus rábico, eu fugia de todos os homens para não satisfazer neles aquele desejo insano de martirizá-los, de fazê-los sofrer; sentia-me capaz de atos da maior atrocidade, e não sei como explicar ainda hoje aquela perversão de sentimentos.

Recordo-me de que durante aqueles acessos, um calor se propagava do peito ao pescoço, às faces, aos olhos; as artérias das têmporas pulsavam tão desordenadamente como se fossem romper-se. Uma ideia homicida, a princípio disforme e sem objetivo determinado, ocupava o meu pensamento; embora não se anunciasse desde o começo uma inclinação decisiva de executá-la, não tardou que adquirisse uma energia assustadora e atingisse ao seu paroxismo. A crise [420] foi cruel e eu tinha um receio mortal de ser arrastado por uma força desconhecida e funesta.

Como surgiu em mim aquele sentimento implacável?

Todo o processo de investigação é impotente para explicar a vida inconsciente do espírito; ele devia ter surgido numa dessas intermitências de minha consciência, após uma incubação surda, lenta e tenaz, surgindo dessas tenebrosas operações de nossa vida interior de que cada estado de consciência não é senão um pálido registro.

Uma noite, despertei sob uma angústia implacável, sem poder recordar-me do estado em que o sono deixou-me; o quarto, que me era familiar, pareceu-me desconhecido sob a luz da lamparina; e era com dificuldade que eu readquiria a noção de minha personalidade — dir-se-ia uma dissolução do meu *eu*.

Como que certas regiões do meu corpo e de meu cérebro, se bem que pertencessem a um agregado vivente, não estavam compreendidas na esfera do meu *eu* orgânico.

Laura dormia tranquilamente o seu sono de ave — um sono tão sereno e tão plácido que não se lhe percebia o arfar do seio. Tinha a cabeça reclinada sobre um braço e a boca entreaberta; no lugar dos olhos as órbitas enchiam-se de sombras, fazendo ressaltar a cor clara do rosto; pequenas bagas de suor afloravam-lhe da fronte.

Subitamente estremeci: *a ideia de matá-la tornou-se clara, precisa e horrivelmente nítida!*

Eu tinha uma tentação diabólica de sufocá-la entre os travesseiros, apertando-lhe a pálida garganta; e fiquei curvado sobre ela, fascinado pela brancura imaterial daquele pescoço. Minhas mãos tremiam; eu debatia-me numa luta cruel, porque toda a parte boa e sã de meu ser reagia violentamente contra aquela tentação horrível; mas ao mesmo tempo impelia-me uma força misteriosa e secreta, uma força irresistível que começava a circular e a latejar dentro de mim.

[421] Eu sentia as mesmas vertigens de um homem que luta contra a irresistível atração das voragens, calculando todo o horror da situação. Estava chumbado no mesmo lugar, por um esforço supremo de vontade.

Um ligeiro frêmito percorreu-me — eu ia sucumbir à tentação.

Laura despertou.

A princípio fez um movimento com o braço. Seus olhos abriram-se e fecharam-se, sem que a minha presença lhe causasse a menor surpresa. Estendeu os braços, e a meio de um bocejo fitou-me com espanto: sentou-se, como impelida por uma mola oculta, e refugiou-se no canto do leito, como fugindo de mim.

Na sombra eu vi seus olhos dilatarem-se de espanto e de terror, e com as mãos fazia o gesto de uma pessoa que quer repelir uma agressão. Toda esta mímica surpreendia-me — o seu terror parecia-me inexplicável, depois que voltando para trás de mim não vi nada que pudesse provocar a sua singular conduta.

— Que tens? — perguntei.

Ela murmurou com uma voz surda:

— Os olhos, Sérgio; os teus olhos! São horríveis!

E escondeu o rosto nas mãos.

Cheio de confusão, corri a um espelho para consultar os meus olhos; e fiquei fulminado de espanto.

Horríveis! Sim! Horríveis!

Eram por certo os meus próprios olhos — tinham a mesma cor, a mesma forma —, mas o que absolutamente eu não lhes conhecia era aquela frialdade percuciente como um aço afiado e aquele brilho cruel e medonho. Ao longe na sombra fosforesciam como os olhos dos felinos. Eu verifiquei que a esclerótica estava injetada de sangue, e que as pupilas achatavam-se, riscando dois traços negros, oblíquos ao meio das retinas.

[422] Eu não conhecia aqueles olhos. Não poderia conceber que tal metamorfose se pudesse ter dado, e atribuo a uma ilusão talvez por sugestão de Laura.

Na noite seguinte despertei ainda sob o domínio da mesma tentação – *provavelmente aquela ideia homicida me era sugerida durante o sono*, e prolongava-se pela vigília em diante. Por mais que eu a repelisse, persistia, voltava, torturava-me; não havia meio de varrê-la e expeli-la do meu espírito. E socorria-me de todos os argumentos para resistir-lhe; invocava a inocência provável de Laura e demonstrava a iniquidade de um castigo imerecido. Apesar de todos os meus esforços persistia em mim uma animosidade profunda contra Laura; e eu amava-a, entretanto! Como as pessoas que se acham sob o domínio de uma paixão deixam-se iludir pela influência dos seus sentimentos, assim os meus argumentos se ressentiam da minha perversão de sentimentos. Meu espírito revelava uma sutileza, uma argúcia extraordinária para justificá-las e tinha recursos que eu não conhecia para explicar os meus desejos mais desarrazoados.

Dir-se-ia que eu era um vicioso incorrigível, um celerado da pior espécie. Passava da exaltação mais violenta à depressão mais profunda. Sob o menor pretexto e mesmo sem provocação alguma eu me entregava a explosões ignóbeis.

Foi então que despontou em mim a ideia do suicídio como um meio de subtrair-me àquele tormento.

Sob um acesso de tristeza enervante ele apareceu-me como um remédio único e como um recurso extremo. Durante muitos dias analisei com o maior carinho esta ideia e preparei-me para realizá-la, achando um encanto particular em premeditar o ato.

Punha minha inteligência ao serviço da ideia fixa — era preciso matar-me! E a minha inteligência docilmente, vencida por aquela disposição irrevogável, era tão cativa do demônio que me possuía, que analisava os planos e meditara os meios de realizá-los — serenamente.

[423] Entretanto diferia indefinidamente a realização do projeto, por uma covardia inexplicável. Era como se dois instintos lutassem dentro em mim. Preocupado por estas ideias insensatas, não ligava o menor interesse às minhas relações e negócios; tornei-me caprichoso e fantasista; consagrava dias inteiros à solidão e ao devaneio com uma espécie de voluptuosidade soturna.

Um dia, em que se reparavam as torres de uma velha igreja, senti-me arrastado pela tentação de subir aos seus campanários. Eu não tinha propriamente o ânimo deliberado de suicidar-me naquele instante, embora esta ideia despertasse a todos os instantes e tivesse sido admitida como um propósito assentado.

Também não me arrastava a curiosidade de ver do alto os deliciosos panoramas que se abriam em cenografias admiráveis em torno das janelas dos campanários góticos, olhando para a linha serena das montanhas fronteiras. Entrei no templo maquinalmente, e embora longe andasse o meu pensamento eu admirava a sua construção antiga em que as proporções da beleza arquitetural foram devidamente observadas para o efeito de dar-lhe maior majestade e não sei que de bárbaro e colossal como os dólmenes antigos.

E tal era o recolhimento do ádito religioso, tal o prestígio misterioso que em mim exercem os templos que esqueci os meus tormentos para deixar-me ficar contemplando os relevos da capela-mor, cujo altar se

levantava do presbitério ao teto, pompeando desenhos simbólicos, a branco e ouro. E quase tranquilo, como se fosse para um passeio lento, comecei a ascensão, entrando por uma porta lateral à direita que se abre para a escada em espiral que leva ao alto da torre.

Toda a minha atenção se fixava nos mínimos detalhes daquela subida, como se ao fim dela eu devesse encontrar a solução de um problema vital.

[424] A escuridão se fez intensa a meus olhos habituados à ampla iluminação de baixo, à hora mais clara de uma manhã lavada de chuvas e esplendente do sol. Como um condenado subindo para o patíbulo eu contava os degraus que meus pés tateavam. Subi uma dezena deles com um crescente receio que acabara por afrontar-me, já não sabendo em que sentido ia girando no interior daquele cilindro de pedra.

Parei para respirar, tão fortes eram as pancadas do meu coração, e ouvi como que uma pulsação ritmada e lenta que vinha de longe animando a frialdade mortal do colosso.

Às vezes havia como que um estertor ou um passo arrastado de galé em que iam tinindo ferros... Que seria? E escutava. A pulsação continuava mui distinta e igual, com pausas regulares. Por que aquela simples pulsação impressionou-me tanto? E sentia por todo o corpo correr-me um arrepio. De medo? Talvez.

Bem sabia que lá fora a luz caía dos céus, dissipando qualquer simulacro de fantasmagoria ou de pesadelo; e evocava a paisagem com a obstinação e saudade de um cego que nada mais vê, mesmo a olhos abertos, do que vira ainda há pouco. Lembrei-me das antigas demoniarias, bruxedos armados dentro das igrejas, rondas de fantasmas que se escondem pelos nichos, narrativas de milagres e coisas sobrenaturais.

Eu mesmo não poderia dizer se já então eu tinha o propósito explícito de praticar lá em cima o ato que era a minha ideia fixa. Entretanto ia subindo de novo, e vi no escuro ir surgindo, no sentido inverso do meu trajeto, uma claridade pálida e difusa.

Mais alguns passos, e a luz entrando vivamente por uma seteira gradeada de ferros chumbados às pedras, jorrou para o interior da torre uma fiação que me deslumbrava a vista e não me permitia distinguir os objetos iluminados. Vi então o eixo da torre em volta do qual a espiral da escada ia se desenrolando por baixo de meus pés e por cima da minha cabeça.

[425] Insisto nestes pormenores, porque pareceu-me levar um tempo infinito a subir a escada.

Continuei a subir, e a pouco e pouco deixei a zona iluminada, penetrando de novo na escuridão. Ia apoiando as mãos às paredes, e sentia a superfície áspera das pedras lavradas, apalpava as suas juntas feitas a cimento, esbarrava às vezes numa fenda mais larga, onde porventura se apoiaram os andaimes da construção, e por toda a parte acompanhava-me a mesma frialdade, com o mesmo bafio dos lugares mal arejados. Terminava o primeiro lance no coro da igreja, cercado de altos balaústres torneados. Cotos de velas ainda estavam pregados às estantes da orquestra.

Continuei a subir a interminável escada que volteava na escuridão. A pulsação da torre tornou-se tão nítida que reconheci o movimento compassado da pêndula do relógio. A escada de pedra terminava, enfim, num sobrado, iluminado por janelas, debaixo do qual amontoavam-se as dejeções dos morcegos que habitavam a abóbada.

Galguei ofegante os últimos degraus — e achei-me entre os sinos, à uma altura vertiginosa, ouvindo o ruído dos cataventos que uma aragem fresca movimentava a espaços. Lestamente subi a uma das janelas, em que o menor dos sinos permitia espaço para, deitado sobre a espessura da parede, extasiar-me na contemplação do que os meus olhos ainda estão vendo na lucidez cristalina daquela manhã.

O verde das montanhas era de uma doce tonalidade, tirando para amarelo pálido. A cidade pousava ao meio de casarias alvas, cujas janelas faiscavam nas linhas dos quarteirões irregulares. O céu semelhava esmalte e o ar parecia feito de vidros transparentes. Ao fim do alinhamento das ruas, um regato surgia por entre aquarelas vivazes. É impossível reproduzir pela pena o encanto daquela perspectiva.

Do lado oposto a vista abrangia todo o telhado da igreja, negro de inverno, com uma ou outra vegetação rara curtindo a nostalgia [426] do solo naquela altura para onde a transplantou o intestino dos pássaros.

De súbito, no silêncio majestoso daquela culminância, os sinos começaram a girar, a girar, e uma onda sonoríssima resvalou em cachões do alto da torre, que parecia um ídolo bárbaro e colossal como os ídolos indostânicos, pregando um evangelho feroz numa língua de bronze.

Era uma música rude e severa, formidável e épica, como uma odisseia grandiosa e solene, abalando o solo com a sua vibração tremenda e aterrando as andorinhas que povoavam os telhados. Causava-me vertigens. Os sinos pareciam tomados de delírios epiléticos, girando, raivando, mugindo e se debatendo como um bando de águias encarceradas numa gaiola de pedra.

Até então, se bem que extraordinariamente excitado, eu conservava uma certa calma, uma noção perfeita de todas as coisas e o exercício de minha vontade.

Subitamente, como eu voltasse os olhos para baixo, senti uma atração irresistível que aumentava à medida que a minha vontade desfalecia. A minha personalidade começava de novo a escapar-me: um agente obscuro, o demônio interior, dominava-me, subordinando os meus atos e o meu pensamento a um novo centro de ação e constringendo-me a atos que me causavam horror. Era *O outro*.

Embaixo o abismo continuava a exercer sobre mim a sua atração espantosa; e friamente, serenamente, como um homem que caminha para o seu destino, eu transpus a janela, deixei-me escorregar lentamente por um andaime e meu corpo oscilou a quinze metros acima do solo.

Abaixo da janela havia uma cimalha de dois palmos apenas de largura. Nela eu apoiei os pés, e encostado à parede era este o meu único [427] e último ponto de apoio. A minha vista se turvara, eu não enxergava senão um ponto único lá embaixo que me arrastava como um ímã fatal. E sentia um frio intenso, um frio que começava nas extremidades e se estendia até o coração, que parecia ter parado de palpitar.

Esta sensação de frio ficou-me indelével. Entretanto, eu não tinha uma consciência exata do que praticava.

Recordo-me de que *era como um sonho*, em que a realidade fugia para longe, como um perigo ilusório, se bem que eu me sentisse gelado de horror.

Quanto tempo durou este sonho sinistro?

Não sei. Sei apenas que readquiri a noção da vida, quando me senti agarrado por dois pulsos vigorosos que me arrancaram daquela situação

terrível — exatamente no momento em que meu corpo, vencido pela atração do abismo, ia despenhar-se do alto da torre silenciosa.

VII

Chego, afinal, ao terrível desfecho desta medonha tragédia que tanto impressionou e comoveu o espírito público.

Ninguém poderá avaliar, talvez, a emoção com que traço estas linhas — pálido reflexo das torturas em que foi excrucrada a minha alma e da mágoa em que ela se amortalhou para sempre.

Há assuntos que fazem tremer e parar uma pena, mas a minha expiação e o meu castigo não estarão também nesta confissão que me impus e que mais me expõe à execração do que à piedade da maioria dos homens?

Frustrada a primeira tentativa de suicídio, a minha situação ainda mais se agravou. A minha desordem interior, cada vez mais perigosa, denunciava-se por algumas palavras ou por alguns atos que me escapavam [428] nos raros momentos em que eu me descuidava de dissimular aos olhos de todos as minhas perturbações. Como certos doentes atacados de moléstias repugnantes ou inconfessáveis, eu sentir-me-ia humilhado se alguém pudesse penetrar o meu segredo, além de que uma surda desconfiança punha uma sistemática reserva na minha conduta.

E de tal maneira me conduzi que uma pessoa apenas pôde perscrutar uma parte de meu pensamento e os perigos a que a sua presença o expunham junto a mim. Henrique, desde a noite em que a sua conduta se tornou tão insólita, havia desaparecido. Evitava-me a todo o transe e fugia de mim como se tivesse certeza de que a sua presença seria capaz de levar-

me à última de todas as violências. E de fato, muitas vezes senti-me acometido de um furor subitâneo contra ele. Naqueles momentos, se eu o encontrasse, fá-lo-ia certamente vítima dos meus desvarios.

Não obstante, nenhuma alteração se fizera em minha casa, apenas entre mim e Laura se impunha uma maior reserva. Temendo pôr em prática a ideia de matá-la, eu vivia uma vida à parte, aproximando-me dela o menor número de vezes possível. Por que não hei de confessar toda a verdade? Eu odiava-a! Sim! Odiava-a como se odeia o nosso mais mortal inimigo! E a ideia insensata de matá-la tornou-se de novo a mais atroz das obsessões.

Uma noite — oh! Pudesse eu varrer da memória os acontecimentos daquela noite funesta! — de volta de uma das minhas vagabundagens noturnas, em que percorria as ruas da cidade sombria para que o movimento aplacasse o tumulto dos meus pensamentos e a espécie de delírio que se manifestava nas minhas ideias — encontrei Laura velando no meu quarto.

Terrível, que estava a um canto, investiu para mim furiosamente. Dir-se-ia que não me reconhecera, e Laura a custo conseguiu fazê-lo sossegar.

[429] Era alta noite, e Laura pareceu-me mais pálida, de uma palidez de finada, com vestígios de pranto nos olhos em que se abismavam todos os pensamentos da sua cabeça sofredora.

Vejo-a ainda como a vi pela última vez, no criminoso silêncio daquela noite, e a sua nobre e delicada figura como que já participava da natureza da outra vida para a qual deveria partir!

Entretanto não havia na expressão de seu rosto nenhuma recriminação e nenhum sinal de desgosto; apenas uma sombra se desenhara, cada vez mais visível e mais pesada, sobre a sua fronte, como que cobrindo-a de luto. Laura já se havia habituado a todas as irregularidades de minha conduta e,

feitas em vão as primeiras tentativas para fazer-me voltar à norma dos primeiros anos do nosso casamento, se resignara a todos os meus novos hábitos.

Quando entrei no quarto, a ideia fixa torturou-me; eu sentia os pródromos da impulsão sanguinária, o violento desejo de matá-la. Uma ansiedade mortal ao mesmo tempo apoderou-se de mim e era em vão que eu me insubordinava contra uma ideia que, alheia a minha vontade, se impunha aos meus nervos como uma necessidade irrevogável de imediata execução.

Laura, como de costume, acolheu-me com doçura. Reparei não obstante que ela me examinava ao mesmo tempo com uma profunda inquietação.

— Boa noite, Sérgio.

E como para justificar a sua presença:

— Decerto não levarás a mal que eu te esperasse aqui. Eu estava tão inquieta!

Depois de hesitar ainda, como eu não respondesse, acrescentou:

— Perdoa-me as minhas infantilidades. Eu, porém, não podia dormir, dominada não sei por que pressentimento... Parecia-me que ia atingir-te qualquer desgraça.

[430] Ela aproximou-se de mim e tentou fazer-me sentar ao seu lado.

— Meu Deus! — exclamou — Como as tuas mãos estão geladas. *Dir-se-ia que trazes a morte nas próprias mãos.* Tu sofres, meu amigo? Tu sofres, sim, tu sofres, não negues! Dize-me: que tens?

Eu ouvia-a na mais cruel ansiedade. A presença de Laura, o silêncio da casa, o adiantado da hora, todas as circunstâncias *que eu premeditara e que eu procurei evitar*, concorriam para a perpetração do inqualificável delito.

E ao ouvir a música e o carinho de sua palavra, ao vê-la àquela hora no desalinho de seu vestido de noite, voltou-me à memória a imagem do adultério, a suspeita da traição atravessou-me o cérebro como um ferro em brasa! De novo os zelos despertos me abrasaram num furor bestial. E eu mais do que nunca desprezei e odiei aquela criatura! O prestígio de sua beleza, a sua inalterável bondade, a nobreza de sua reserva, tudo isto se me afigurava ignóbeis artifícios para acorrentar-me à carne e para arrancar o meu assentimento a uma execrável infâmia!

Na vertigem de meus pensamentos não podia compreender, fazia mesmo um imenso esforço para ver claro no assédio das impulsões criminosas que me cercavam; mas nas trevas de meu pensamento havia um ponto luminoso apenas, de onde uma linha reta me impelia para o ato criminoso. Laura, sem compreender todos os secretos tormentos de minha alma, sentia-se, todavia, alarmada pela minha aparente tranquilidade.

— Tu sofres, continuava. Pobre alma, pobre alma! Bem vejo que me é impossível extirpar o mal que te aflige. Entretanto, eu quisera dizer-te bem intimamente, no fundo do teu coração e no âmago da tua alma, o bem que te desejo e o muito que te quero! Escuta-me, Sérgio, escuta-me...

Como poderei descrever a duplicidade em que o meu ser então se desdobrava?

[431] Ao mesmo tempo que um sentimento de ódio e um desejo de aniquilamento me impeliam para Laura, a sua voz musical, em que vibrava uma emoção verdadeira, comunicava-me uma indizível ternura e uma

sincera compaixão por ela. Vacilava entre dois sentimentos opostos, e a incoerência dos meus atos resultava da vacilação em que me debatia.

Laura prosseguiu ternamente:

— Ouve, Sérgio. Senta-te ao pé de mim. Há tanto tempo que me foges e que eu te procuro. Dir-se-ia que tens em mim um inimigo. Oh! Pudesses tu ler nos refolhos de minha alma; pudesses tu adivinhar o que se passa dentro de mim!

Eu procurava evitá-la e fugir-lhe. Laura, porém, obstinava-se em aproximar-se, como se tentasse vencer por este meio a distância que separava as nossas almas.

— Não me fujas, Sérgio! Por que me evitas?! Por que não me abres a tua alma como outrora? Tu eras tão meigo e tão apaixonado! Lembro-me ainda das palavras ardentes que encontravas no teu carinho para exaltar-me. Elas soam-me ainda como uma música divina. Foi em maio, tu te recordas?...

E evocou um antigo episódio dos primeiros dias em que nos amamos, quando os nossos corações desabotoavam para o amor como as flores para uma encantadora estação, cheia de luzes e de perfumes.

A esta evocação, um perfume antigo de saudade encheu-me de ternura. Mas ao mesmo tempo eu senti um rancor profundo contra Laura. Senti-me impelido a fazer-lhe mal, a martirizá-la, a aniquilá-la de um golpe. E este desejo doentio cada vez mais se acentuava, apoderando-se de mim tiranicamente. A minha própria vontade submetia-se a uma como que segunda vontade mais dominadora e mais poderosa, que se sobrepunha à primeira, inexoravelmente.

Invadia-me não sei que potência infernal, e a consciência da minha fraqueza, a convicção de perder uma luta inútil, deixavam-me à mercê [432]

dessa vontade monstruosa que me constrangia aos atos mais antipáticos aos meus sentimentos.

Eu verificava mais uma vez a presença intrusa de um ser agindo dentro em mim. Diante dele entregava-me a uma transigência covarde, capitulando mesmo antes da luta.

E foi gelado de medo que eu assisti ao desenvolvimento daquela ação estranha dentro de mim próprio. Era o demônio interior que surgia não sei de que abismos das profundidades insondáveis da consciência. A minha vida adquiriu uma aceleração vertiginosa. Não sei que vibração sutil percorria os meus nervos, como um fluido quase imperceptível.

De súbito Laura, que continuava a aproximar-se de mim, recuou com assombro nos olhos. Ela fitava-me com espanto, e recuou ainda até a parede.

— Sérgio! — bradou.

A sua voz aguda atravessou o silêncio da casa num grito de terror.

— Os teus olhos, Sérgio!

E como se eu apenas aguardasse aquele grito como uma senha ou uma voz de comando para dar começo à realização da ideia assassina, rapidamente avancei para ela, e mais depressa do que poderia deliberar a fazê-lo, como que antecipando qualquer deliberação, meu braço desferiu a primeira punhalada...

Não poderei jamais explicar a firmeza, a agilidade e o desassombro que o meu braço adquiriu, a espécie de energia fatal com que se realizava enfim o ato premeditado. Entretanto, cessara todo o tumulto de minhas ideias, e era até mesmo com uma certa calma ou antes com uma espécie de estupor que eu assistia — como uma testemunha estranha — a execução da ideia

homicida. Como após os largos momentos de concentração de uma tempestade estala o primeiro raio, assim desferiu-se o primeiro golpe de meu braço.

[433] Laura instintivamente recuou ainda, de modo que o punhal resvalou, enquanto um grito terrível de dor e de maldição atravessava o silêncio consternado da casa deserta.

Laura tentava ganhar a porta; porém eu compreendi-lhe a intenção e cortei-lhe a passagem, procurando segurá-la pelo pulso. Com uma agilidade que eu não lhe conhecia e que o terror da morte emprestou-lhe, ela fugiu-me e foi-se acolher num dos ângulos do quarto. Mas tenazmente, inexoravelmente, arrastado pela ideia única e fixa, determinada e fatal, eu persegui-a de perto, e de novo o meu braço com a firmeza e a força de um gigante desferiu um novo golpe!

Mas a vítima de novo me escapava; os seus gritos alarmaram a casa adormecida. Então a espécie de calma com que até então eram cumpridos os meus atos transformou-se num furioso delírio. Varreu-me o cérebro não sei que turbilhão de loucura, e apoderou-se de mim uma espécie de raiva surda e de frenesi que precipitava os meus passos. Eu precisava executar o ato então com presteza; tinha pressa de realizá-lo, de acabar enfim.

Ao mesmo tempo, como se eu fora o espectador de meus atos, era com uma inerte estupefação que eu assistia ao desenrolar daquela cena medonha.

Laura debatia-se num terror imenso.

— Estás doido, Sérgio? Deixa-me, deixa-me, por Deus!

Eu avançava para a minha vítima sempre, procurando detê-la no caminho.

Naquela caçada homicida os móveis caíam com fragor; mas eu nada via senão a presa que fugia e que era preciso exterminar.

Terrível ladrava furiosamente, sinistramente.

Consegui deter a vítima, afinal.

— Escuta-me, Sérgio!... Oh! escuta-me ainda! Amo-te! Amo-te! Perdoa-me!...

[434] Debatia-se. Mas o meu braço tinha uma força cada vez mais indomável. Caía sobre ela uma, duas, três vezes.

— Escuta-me, Sérgio! Eu sou inocente, eu sou inocente!...

Um golpe mais firme arrancou-lhe um novo grito de dor.

— Malvado! Assassino!... Urrou ela com as mãos crispadas e a fisionomia alterada pelo ódio e pelo horror.

E nas carnes de meu braço eu senti penetrar-me os seus dentes agudos; mas a meio do aposento, ela vacilou como embriagada. Uma nódoa de sangue espalhou-se pela sua pele alva e fina como a epiderme de um lírio. Ela levantou os braços para o céu e caiu redondamente.

A vista do sangue produziu-me como que um clarão resplandecente que iluminou todas as profundezas da minha consciência. *Só então eu tive a noção exata da realidade.* Por mais inverossímil que isto pareça, a verdade é que só após a execução do ato eu medi o horror da situação, a minha desgraça e a minha infâmia.

Eu acabava de matar a mais doce, a mais pura e a mais sofredora das mulheres! Laura! A meiga, a nobre e delicada criatura! Quem poderá compreender a explosão de ternura que invadiu-me então?

Perpetrado o crime e satisfeita a impulsão mórbida que torturava os meus nervos, eu regressava à minha primitiva maneira de ser; eu me

recompunha; readquiria a minha personalidade. Todos os meus sentimentos nobres vibravam conjuntamente — o amor mais puro, a piedade, a ternura e a mais sincera e profunda compaixão que tem movido um coração humano.

O que, porém, eu senti, o que sofri naquela noite nenhuma palavra jamais poderá descrever.

E sobre o cadáver da mulher amada, vítima dos meus desvarios, a minha dor teve uma explosão tão feroz que eu julguei que ia morrer ao seu lado e estalar de dor.

[435] No dia seguinte encontraram-me ao lado dela. Eu não havia enlouquecido. Apenas era um velho — como se tivesse vivido vinte anos naquela noite sinistra.



Hoje, longe de todas as ambições humanas e às portas da morte, eu reconstruo esta dolorosa história não para invocar a piedade dos homens que já não me aproveita e consola, mas para dar-lhes o espetáculo da minha miséria e ensiná-los a serem compassivos para com todas as dolorosas psiquiatrias que acompanham, como um legado de dores, a grande, a eterna, a imensa expiação da vida.

FIM



FICHA TÉCNICA

Coordenação: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Preparação e revisão textual: Amanda Marinho,
Ana Giulia Mussury, André Azevedo de Alvarenga,
Arthur Dias Fontes, Larissa Adur, Rosane Russo
E Sora Maia Souza.
Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

